



Duque de Palmella

Esc. d'Almeida, Real. B. A. de L. A.

O DUQUE DE PALMELA

E então como elle a amava e lhe queria
A esta pobre terra portugueza!
Velha tinha a razão, velha a experiencia,
Jovem só esse amor.
Garrett — No LUMIAR.

I



gloria, mesmo a mais pura e a menos disputada, sempre traz espinhos. São arduas de subir as eminencias, e o raio alcança-as mais depressa. Se a luz do sol as doura primeiro, se os veos da noite as escurecem mais tarde, expiam bem a primazia. O furacão ennovela-se mais furioso sobre as alturas, as arvores erguidas e frondosas desafiam mais a queda. Exemplo das vicissitudes, que pódem experimentar uma carreira agitada, o varão, cujas memorias tão ricas de feitos nos vemos constrangidos a contrair em breve quadro, provou de todas as illusões e desenganos, conheceu todas as grandezas, supportou as maiores adversidades. Superior aos lances da fortuna, aos rigores dos tempos, e á ingratidão dos homens, atravessou intrepido por meio do cortejo das admirações merecidas, e por entre os uivos das invejas implacaveis, e ao cabo de longa existencia, esmaltada de raros serviços e de nobres rasgos, adormeceu serenamente, sem remorsos, nem arrependimentos, quasi já nos braços da

posteridade, seguro de que legava á historia o seu nome, como um dos brazões esplendidos da grande epocha, que viu nascer, resistir, e triumphar a liberdade.

D. Pedro de Sousa e Holstein, primeiro conde de Palmela em 11 de abril de 1812, primeiro marquez de Palmela em 3 de junho de 1825, e primeiro duque do mesmo titulo em 13 de julho de 1833, conde de Sanfré no Piemonte, e decimo terceiro senhor do morgado de Calhariz, Monfalia e Fonte do Anjo, abriu os olhos na cidade de Turim aos 8 de maio de 1781. Foram seus pais D. Alexandre de Sousa e Holstein e D. Isabel de Sousa Coutinho. Foram padrinhos do seu baptismo os reis D. Maria I e D. Pedro III. Ornaram o seu berço todas as pompas aristocraticas, sorriram á sua puericia todos os carinhos e favores da sorte; porém a mão da desgraça, ainda não cansada de pesar sobre a sua familia, reservara-lhe para os annos de juventude os cuidados de homem, e para a idade viril os destellos, as fadigas, e as anciedades do proscripto. Desde que lhe amanheceu a rasão, e amanheceu-lhe cedo, até que exhalou o espirito, nunca mais cessou de combater no campo e no gabinete pela independencia ao lado dos esquadrões inglezes contra Napoleão I, pelas idéas liberaes contra as demasias democraticas e o sombrio fanatismo apostolico, pela carta e pelo throno legitimo contra a indifferença e a cumplicidade das nações, contra o numero e o que a todos parecia rasão dos factos consummados, contra a desgraça, o impossivel, e o desespero, que todos tres se diriam conjurados para cerrarem de uma vez para sempre as portas da patria aos que a lealdade condemnara a padecer as saudades do exilio sem outra força mais, do que o vigor da fé, e a consciencia do dever.

A larga administração do marquez de Pombal uniu ao louvor das reformas intentadas com acerto e firmeza as nodoas de sangue, que accusam o ministro de confundir a miudo no seu egoismo, endurecido pela omnipotencia do poder, os interesses do estado com a satisfação de vindictas cruentas e inexoraveis. Para demolir em parte os abusos, que apodreciam o edificio da velha monarchia, e sopear as resistencias de uma casta afeita a aborrecer o que não procedia d'ella, ou o que não revertia em proveito de seus privilegios, não era necessario violar os preceitos da justiça, postergar a equidade, e resuscitar os horrores patibulares da meia idade. Explicar a uma nação as theorias absolutas de uma renascença forçada pela bocca das alçadas, com os verdugos por accessores, e os carceres e sequestros por arguentes equivalia a construir sobre odios

e repugnancias invenciveis os lanços de um monumento, que a fragilidade das bases alluiria apenas lhe faltasse a mão robusta, que o amparava a custo do terramoto. Foi o que succedeu. A queda do valido de D. José I foi o signal do desmoronamento do systema, que elle se lisongeára de fundir em bronze, e de perpetuar como obra fadada a sobreviver aos seculos.

A familia do duque de Palmela não escapou ás iras do terrivel secretario de estado, maior pela intelligencia, do que pelo coração. D. Manoel de Sousa, seu avô, suspeito de conivencia no attentado de 4 de setembro de 1858, e sepultado por ordem do marquez nas prizões do forte da Junqueira, expirou d'ahi a mezes gangrenado das feridas abertas pelos ferros, que o algemaram! Seus tres filhos, já adultos, penaram desoito annos nas masmorras do castello de S. Philippe de Setubal! Sua avô, desterrada em Santarem, e depois na quinta de Calhariz, gemeu o luto e as magoas de sua amargurada e inconsolavel viuvez entre as recordações do esposo martyr, e as lagrimas dos nettos orphãos. Finalmente, a propria mãe do duque, D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho, da casa dos condes de Alva, obrigada pela violencia a aceitar por esposo um dos filhos do ministro, jurou com valor heroico nunca receber no seu leito o filho do perseguidor implacavel de seus parentes, e por espaço de dois annos, debaixo do mesmo tecto, entre o noivo offendido e o sogro irritado, soube executar a sua resolução sem desmaiar. O marquez de Pombal teve de ceder, elle que fazia tremer os poderosos! Uma fraca mulher afrontou sem receio a colera, que escolhia e fulminava as victimas entre os mais illustres. Sebastião José de Carvalho recuou! Mandou instruir o processo de nullidade do matrimonio, e trémulo de raiva acabou de romper aquelles laços, que o terror da sua auctoridade não conseguira estreitar. Incapaz, porém, de um acto generoso quiz vingar-se, e a infeliz donzella, encerrada nove annos na apertada clausura de diversos conventos, se nunca se arrependeu apesar das dores dos tractos moraes, pelo menos, a preço de bem pesados sacrificios comprou a liberdade da alma e dos affectos.

Estes tragicos successos, tão proximos da sua meninice, os quaes de certo ouvira narrar com a indignação natural dos opprimidos sem culpa, foram um ensino salutar para o animo ainda tenro de D. Pedro de Sousa Holstein. O infortunio diz mais do que as paginas mortas dos livros aos que nasceram dotados de qualidades elevadas, e na catastrophe dos seus aprendeu seguramente o duque mais e melhor a detestar o despo-

tismo, do que nas theses philosophicas explicadas por seus mestres, embora já allumiados pelo immenso clarão do primeiro periodo da revolução de 1789. Os remedios heroicos, applicados pelo marquez de Pombal, scandalisaram o seculo xviii, o seculo de Becaria, e de Voltaire, de Rousseau e de Filangieri, e se remoçaram por momentos o meio cadaver do absolutismo monarchico provocaram tambem nos homens tolerentes a honrosa reprovação, que não absolve os crimes em nome da supposta necessidade, que os dicta.

Até á idade de dez annos acompanhou D. Pedro de Sousa Holstein a seu pai nas differentes missões, desempenhadas em Roma, na Russia, e em Dinamarca. A sua educação foi esmerada. Sabidas as noções preliminares continuou na cidade de Genebra até aos quatorze annos os estudos de humanidades e sciencias dirigido por um professor habil e instruido. A sua prompta e feliz comprehensão recompensou desde logo os disvelos e a vigilancia dos mentores. Em 1795 viu Portugal pela primeira vez, e ajudado de um talento facil e reflectido, habilitou-se com os preparatorios exigidos para os cursos da Universidade de Coimbra, que se propunha seguir. Interromperam-lhe a vocação os deveres da sua gerarchia. Primogenito de uma casa enriquecida de bens da corôa teve de alistar-se no exercito, e de repartir entre a penna e a espada os melhores dias da mocidade. Datam d'esse tempo, para elle saudoso, as suas relações com a marquezia de Alorna, celebrada pelos poetas da epocha como um prodigio de engenho e de belleza. As maneiras affaveis e insinuantes do duque, a cultura precoce do seu espirito, e o encanto da sua conversação conquistaram-lhe a benevolencia da formosa Alcippe.

Em 1802 arrancado á doçura d'esta amena convivencia, partia D. Pedro de Sousa Holstein para Roma com seu pai, nomeado embaixador, estreado-se na carreira diplomatica, que havia de pizar com tanto applauso, na qualidade de conselheiro de legação. Detido por algum tempo em Florença durante a viagem, frequentou a casa do grande tragico italiano, o marquez de Alfieri então no apogeu da sua fama. Uma grande desgraça domestica veio perturbar os ocios occupados, que o moço diplomata disfructava. D. Alexandre de Sousa falleceu em dezembro de 1802, e seu filho tal estima e confiança alcançára ganhar na côrte de Roma, que o papa Pio vii e o cardeal Gonsalvi pediram com instancia ao governo portuguez, que o nomeasse para o mesmo cargo. Sem defferir inteiramente aos desejos dos protectores, o gabinete de Lisboa honrou o duque com

um testemunho de distincção, notavel para a sua idade, encarregando-o da legação de Portugal até ao anno de 1805

Collocado aos vinte e um annos em lugar já imminente, D. Pedro de Sousa procurava corresponder á amisade e ao favor, que desde os primeiros passos lhe aplanavam o caminho. Estava então em Roma o barão de Humboldt, cuja existencia resumiu todas as glorias da sciencia. Estudavam, ou admiravam os primores da arte antiga e da moderna muitas pessoas conspicias pelo nome, pelas prendas, ou pela erudição.

O duque buscou a sua conversação, e no seio d'aquella aprazivel sociedade, entre os enlevos, com que a cidade eterna seduz o gosto e a intelligencia, e os estudos com que desejava aperfeiçoar os dotes naturaes, viu escoar-se o tempo, e correrem precipitados os acontecimentos, de que se compoz a epopeia militar d'este seculo. Assistiu aos triumphos milagrosos de Napoleão, á rapida transicção do consulado, e á audaciosa restauração do titulo e dos planos gigantescos do primeiro Cesar. A terra tremia agitada de convulsões profundas. A revolução, grávida do futuro, intimava as resoluções do seu poder, por entre o troar do canhão e o galope dos esquadrões. Os tronos caducos desabavam. Os povos adormecidos principiavam a despertar. A espada, guiada pela mão irresistivel da victoria, rasgava os seios até então estereis da Europa de fecundos sulcos. A igualdade civil estabelecida; a liberdade politica aclamada; os falsos privilegios dilacerados; a soberania das nações reconhecida, eram as conquistas dos curtos annos de lucta, de grandes, e de delirios, com que a França espantava o mundo tão invejada pelo ardor heroico de seus guerreiros, como temida pela grandesa e abnegação dos grandes cidadãos, que a illustraram.

II

Á conversação erudita de Humboldt juntára o duque a amisade de Gay Lussac, ao qual acompanhou em uma de suas excursões ao Vesuvio, e depois em uma digressão recreativa, o conhecimento de M.^{me} de Stael, que não hesitou em o apresentar como um estrangeiro distincto á sociedade, que hospedava na sua bella residencia de Coppet. Foi n'este gremio escolhido que D. Pedro de Sousa Holstein apreciou, cultivando-os de perto, os homens, que representaram depois papel tão distincto na scena politica, ou no theatro das lettras. Frederico e Guilherme Schlegel, Sismonde de Sismondi, Benjamim Constant, Barrante e outros. M.^{me} de Stael recolhia da sua primeira viagem á

Allemanha, e contava quasi quarenta annos de idade. Não era formosa como Alcippe, porém illuminava-lhe a fronte a aureola do talento, e armava-a de irresistiveis atractivos a espirituosa expressão do rosto e a fascinação dos bellos olhos, inflammados na chamma de um enthusiasmo apaixonado. Entre a grande escriptora e o fidalgo portuguez a estima e o tracto quasi quotidiano depressa animaram a intimidade, e segundo se creê talvez mesmo um sentimento mais terno.

A estes vinculos suaves foi que nós devemos a traducção em francez dos *Lusiadas* de Camões, tentada por D. Pedro de Sousa a rogos da inspirada musa, que anciava enobrecer tambem com o braço das artes, aquelle que herdára do berço e da fortuna as preeminencias sociaes. O engenho do duque, docil e flexivel, moldava-se sem reluctancia ao culto das lettras. O gosto era n'elle uma qualidade innata do espirito; e a sua penna tão correcta e tão elegante no estillo politico e no estillo epistolar não carecia de largos ensaios para sobressahir eloquente, e desafectada, em qualquer genero, que se propozesse, em harmonia com as prendas do talento. Escripitor abundante, fluido, e rapido, em cada trecho das obras que possuimos d'elle, realça a singelesa da phrase, sempre concisa e clara, pelo vigor e profundidade das idéas, rara perfeição, que a mais elevada razão e o tacto mais sisudo poucas vezes conseguem adquirir nas manifestações do pensamento. No authographo da versão dos *Lusiadas*, conservado preciosamente pela familia do duque, notam-se escriptas á margem muitas observações de M.^{me} de Stael, provando a maravilhosa intuição, com que ella adivinhava as bellas de Camões.

Depois que regressou a Roma, onde o chamavam as obrigações do cargo, começou entre D. Pedro de Sousa e M.^{me} de Stael uma activa correspondencia, a qual existe ainda inedita, e que talvez publicada um dia, confirme, ou desvaneça a suspeita de que a criação do personagem de Oswald na *Corima* não é tão ideal e desprendido de allusões á vida da poetisa, como a critica innocente poderia suppor.

O duque passou dois mezes completos do anno de 1806 no seio da illustre sociedade de Coppet representando com M.^{me} de Stael, Benjamin Constant, Mathieu de Montemorency, e Barante varias tragedias do theatro classico, e entre ellas a *Zaira* de Voltaire e a *Phedra* de Racine, e não foi sem pezar, que se separou de tão agradavel convivencia. Nos fins d'esse anno voltou a Portugal, aonde o espectáculo da decadencia irremediavel da córte, do governo e do paiz não havia de ferir e magoar

pouco um animo tão penetrante e perspicaz, já inclinado pelo estudo e reflexão a transigir com os principios, que a revolução de 1789 fizera triumphar. A hora do castigo avisinhava-se entretanto. Napoleão decidira riscar este pequeno reino do mappa das nações, e ajustára com a Hespanha no tractado de Fontainebleau a sua desmembração. A dynastia de Bragança ia cessar de reinar, e Carlos IV e o principe da Paz, em premio da sua cumplicidade, esperavam receber cada qual o seu quinhão nas partilhas da gloriosa monarchia condemnada ao suicidio, não tanto pelos erros e covardias dos ministros, que a regiam, como pela vontade inflexivel do conquistador.

D. João VI, ainda principe regente, vendo a tempestade eminente, nem ousava fugir-lhe, nem affrontal-a. Ao passo que Junot e os corpos hespanhoes se approximavam das fronteiras soava o cantoxão das preces na igreja Patriarchal, e corria as ruas publicas uma solemne procissão de penitencia, concorrida por todo o clero secular e regular de Lisboa, e seguida de mais de sessenta senhoras descalças, rodeando o andor do Senhor dos Passos. A este devoto prologo correspondia a resignação. As tropas francezas entraram em novembro de 1867 no territorio portuguez, e o principe D. João, a familia real, e os fidalgos principaes embarcavam para o Brasil, entregando, caso novo (!) os subditos sem defesa á clemencia, ou aos rigores da invasão. Depois de tão vergonhosa felonía os destinos da velha monarchia estavam consummados. O povo desamparado pelo rei e pela nobreza combateu e repelliu o estrangeiro, mas se perdoou, nunca esqueceu, e com motivo, que na hora em que todos deviam ser iguaes perante o infortunio, só elle ficára para supportar e combater a escravidão!

O duque de Palmela, retirado por negocios domesticos, e de certo offendido pela deserção sem exemplo de um soberano e de um governo deante do inimigo, ficou em Lisboa inteiramente retirado dos negocios. O seu coração generoso e patriotico não havia seguramente de padecer pouco, vendo o rumo desvairado que tomavam os homens e as cousas, e deplorando o envilicimento de nomes e caracteres, que os annos e o sangue deveriam ter preservado de baixarem a ponto, que só era possivel encontral-os aos pés dos vencedores! A occasião seria unica para regenerar uma terra invejada entre as primeiras no seculo XVI, e credora pela gloria da sua missão historica de ser respeitada pelo genio maravilhoso, que a Providencia constituia n'este momento unico arbitro dos destinos do mundo. Mas Napoleão principiára já a perturbar-se com os fumos da

grandeza. Na immensa altura, a que a sorte o elevava, accommetteu-o a vertigem dos Cezares, e calcando aos pés a justiça e as nacionalidades opprimidas, retalhava a Europa com a espada, celebrando as exequias do passado, de que era o demolidor predestinado, entre os sonhos da monarchia universal e a meia treva, que lhe cegava os caminhos, impellindo-o para os precipicios de Maskow e Waterloo!

Reputando Portugal o servo submisso da Grã-Bretanha só cuidou em cerrar para sempre aos seus adversarios implacaveis estas praias, d'onde elles, mais tarde, haviam de saltar como libertadores, para marcharem sobre Pariz, formando a vanguarda de duas nações heroicas. Junot, verdadeiro proconsul, debalde desejou attrair o amor e a confiança dos portuguezes, lisonjeando-lhes o orgulho, e satisfazendo-lhes as aspirações. De longe o soberano destruia as boas obras com o gesto imperioso. Ao simulacro da mentida alliança succedeu logo a realidade brutal da conquista. As armas do reino picadas sumiram-se atraz do vulto suberbo das aguias corsas. Uma contribuição iniqua exigiu o resgate dos que não tinham sido vencidos. A independencia e a autonomia de um povo, tão cioso de ambas, foram sequestradas sem escrupulo entre salvas militares, como se apenas se tractasse de arriar uma bandeira e de içar outra nas torres de qualquer feitoria ingleza!

A resposta não se demorou. A Hespanha irada deu o exemplo, e Portugal, recordando os dias de D. João 1 e de 1640, ergueu a frente e empunhou as armas. As montanhas tornaram-se cidadellas; os desfiladeiros sepulchros. As derrotas, em vez de applicarem, atejavam o incendio. As villas e cidades, rotas e abertas, desafiavam a vingança dos inimigos, sublevando-se; e rendidas, e assollados hoje, ressurgia no dia seguinte das cinzas, e maculadas de sangue alçavam na haste partida o estandarte das quinas. Foi uma lucta sem quartel, uma lucta como só podem concebel-a o enthusiasmo, o odio, e o desespero. As espadas mais illustres de França quebraram-se na Peninsula contra as fouces e os chuços dos camponezes. Os marechaes mais gloriosos viram seccar os seus louros n'esta guerra, em que o valor dos veteranos pelejava em vão contra a vontade dos povos. Deos, cujos designios insondaveis Bonaparte traduzia, passando, terrivel e armado pela face das nações, Deos, marcára ao conquistador os gelos do norte e as serras anuviadas da peninsula, como limites inaccessiveis, que a soberba, o delirio, e a audacia da sua ambição não haviam de transpor, sem a queda e a ruina os punirem.

Apenas lord Wellington desembarcou, D. Pedro de Sousa Holstein alistou-se no exercito, foi nomeado ajudante de ordens do general Trant, e offereceu todo o dinheiro, que possuia, para accudir a algumas despezas urgentes do Estado. Em 1810 casou com D. Eugenia Francisca Xavier Telles da Gama, filha da marquezia de Niza e de Cascaes, D. Eugenia Xavier, e de D. Domingos de Lima, da casa dos marquezes de Ponte de Lima. Unindo o sangue de Vasco da Gama e de João das Regras, do primeiro navegador e do primeiro publicista, como disse um grande escriptor, ao de tantos varões illustres, esta senhora, que a morte prematura de seu promettido esposo, o conde de Assumar, filho do marquez de Alorna, deixára livre, dava a sua mão aos doze annos de idade ao homem, cujos rapidos e merecidos progressos ninguem de certo antevia então, e por uma prevenção admiravel da bondade divina, logo ao sair da infancia, vinha collocar-se a seu lado para, durante tão longa e attribulada existencia, ser junto d'elle o seu anjo custodio, o anjo das consolações e da caridade, sempre vigilante e resignado, sempre conforme com os decretos da providencia na boa e má fortuna.

Pouco depois do seu consorcio a regencia nomeou D. Pedro de Sousa Holstein para a difficil e importante missão de Hespanha, com o caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. Partindo com sua esposa para Cadix, aonde a esse tempo estava estabelecido o governo central, foram ambos arrostar os infados e privações de uma cidade sitiada, os incommodos e rebates da guerra, tão tristes e assustadores, sobre tudo para o animo timido de uma senhora moça, que assim entrava na vida de mulher pela dolorosa estrada das maiores calamidades. O flagello da febre amarella veio agravar ainda os terrores já de si tão grandes d'esta posição, devastando Cadix em 1811, e resumindo em lastimoso quadro o spectaculo mais completo de todas as desgraças e miserias humanas. Apezar d'isso a sua residencia na inquieta corte militar de um paiz insurgido, não foi esteril de todo para nós. Chegou a ajustar a restituição da praça e territorio de Olivença em troca dos terrenos, que a Hespanha pretendia junto de Montevideu; mas o ministro caiu, e o tractado não foi ratificado.

Honrado já com titulo de conde de Palmela, e transferido da missão de Hespanha para a de Londres, muito mais melindrosa, D. Pedro de Sousa, mesmo pela indole do seu novo cargo a braços com as maiores complicações dos negocios geraes, principiou a revelar na sua direcção a capacidade superior, que tão

notavel conceito lhe grangeou na opinião dos principaes estadistas da Grã-Bretanha. A lucta da Europa contra o imperio francez cada dia se animava, e a catastrophe de 1814, que poucos previam, avisinhava-se todavia. O nosso ministro na côrte ingleza, digno de suas funcções pela elevação penetrante da vista politica, soube defender com inteireza os interesses da patria n'este agitado periodo, e quando a restauração dos Bourbons o levou a França, e depois ao congresso de Vienna, em 1815, longe de desmerecer, confirmou por sua prudencia e habilidade a reputação alcançada, prestando ao paiz serviços valiosos, especialmente em relação á fazenda publica exhausta, que exonerou pela convenção addicional de 28 de julho de 1817 de um encargo de seiscentas mil libras, além da indemnisação de trezentas mil que pôde obter em compensação das prezas illegaes dos cruzadores britannicos, enviados contra o illicito commercio da escravatura.

III

Na primavera de 1816 veiu o conde a Lisboa para ver sua mulher, da qual estivera tres annos separado, e abraçar pela primeira vez sua segunda filha a sr. D. Eugenia, depois marquesa das Minas, nascida em 6 de março de 1813. Decorridos poucos mezes porém, era D. Pedro de Sousa obrigado a regressar de novo a Londres, aonde a condessa, o seguiu em 1817, e aonde se demoraram tres annos, conciliando sem esforço no centro da sociedade mais apurada e formalista da Europa o respeito, a estima, e a consideração de todos. Raiou emfim o anno de 1820, e com elle a revolução nas duas peninsulas de Hespanha e da Italia. Portugal, ressentido e descontente, irritava-se com o jugo intoleravel da tutela britannica que parecia reduzil-o á baixesa de colonia sua, e prometteu á regencia do Rocio as commoções, que ella não soube prevenir, e que, mesmo que soubesse, não estaria talvez em sua mão evitar áquella hora. O conde de Palmela, nomeado ministro de estado para o Rio de Janeiro, saira da embaixada de Inglaterra e embarcára com toda a sua familia em maio a bordo de uma fragata, que navegava para o Brasil, fazendo escala por Lisboa. Chegado á capital estalou a revolução de 24 de agosto, que tantos erros provocaram, e a regencia, tremula e desnorteada, convidou-o a guiar os seus passos vacillantes. A proclamação, em que as antigas côrtes eram convocadas para repararem os males publicos com seu voto, foi dictada por D. Pedro de Sousa ;

mas o remedio vinha tarde, e não podia satisfazer o ardor das idéas. As cousas tinham mudado de aspecto, e a concessão mezes antes opportuna, não inclinou as armas nas mãos dos que as floriavam em nome da liberdade.

Previendo que o seu ministerio e a sua residencia no Brasil seriam de curta duração, o conde de Palmela partiu para o Rio de Janeiro, deixando a esposa na Europa. A sua educação e principios decidiam o fidalgo nascido na côrte e criado na diplomacia, a preferir ao impeto violento das subversões politicas os termos medios e as transacções. N'este momento, em que uma revolução triumphante e consules novos se assenhorearam das redeas do estado, sorria-lhe ainda, como possivel, o plano de preparar a transição do regimen absoluto para a monarchia constitucional por via de um accordo entre os subditos e o soberano, accordo sancionado pela outhorga de uma carta analoga á que Luiz XVIII adoptára, como escudo do throno e da dynastia, quando entrára em França no meio das bayonetas alliadas. O conde amava a liberdade, desejava vel-a plantada na sua patria, mas temia a anarchia, assustava-se facilmente com a exaltação do character meridional, e os arrojões da tribuna, os clamores dos jornaes, e a agitação das praças e comicios representavam-lhe a cada instante o espectro terrivel dos crimes, que tinham deshonorado a revolução de 1789, ensanguentando e invertendo a gloriosa emancipação da humanidade.

Os seus votos no gabinete do Rio de Janeiro conformaram-se com este duplo pensamento. Quiz reconhecer o imperio das idéas, mas desejava ao mesmo tempo conter e reprimir a sua exaggeração. Correm escriptos e impressos os conselhos infructuosos, que então com louvavel firmeza não receou offerer ao sr. D. João VI, provando a sua inconcussa lealdade e fina previsão. Os outros ministros obsecados oppozeram-se a que el-rei dêsse os primeiros passos ao encontro da revolução inevitavel do Brasil para moderar a de Portugal; e a camarilha, excrecencia fatal e cancerosa do poder absoluto, em vez de agradecer ao conde a inteiresa, apontou-o desde logo em suas murmurações e enredos como eivado da lepra liberal. Imaginavam os representantes do passado, que desterros e cadafalsos como os de 1817, fariam recuar cheio de terror o espirito do seculo, e ainda cuidavam que bastaria resistir para os esteios apodrecidos de um systema sem vida se terem de pé, apesar de desamparados.

O resultado depressa os desenganou. O conde demittido caiu

no desagrado real por ousar expôr claramente a necessidade de ser promulgada sem demora uma constituição, em que o equilibrio e divisão dos poderes, os direitos do povo, e as prerogativas da corôa se respeitassem e attendessem mutuamente. Dias depois a revolução da Bahia, repercutida na capital, varria dos estrados do paço os aulicos e os ministros absolutistas, chamando aos conselhos do soberano a Monteiro Torres, a Quintella, ao conde da Louzã e a Silvestre Pinheiro. D. João vi voltou á Europa entregando o govêrno do Brasil ao principe real D. Pedro de Alcantara. Todos os precipicios, que se abriram depois, cavaram-os estas funestas e tardias resoluções.

Depois da ingratição do soberano não devia faltar a ingratição do povo ao ministro decaído. Os seus sentimentos patrioticos e as suas opiniões prudentes não foram conhecidas, ou bem avaliadas pelos que governavam em Portugal. Fizeram-lhe a injuria de o confundir com muitos dos cortesãos, que rodeavam el-rei á sua chegada, e uma ordem das côrtes mandou-o desterrado de bordo para Borba. O conde de Palmela em um protesto repelliu a accusação injusta, mas obedeceu á auctoridade constituida. Recolhido na socegada e intima convivencia da vida domestica gozou no retiro tranquillo do campo de alguns mezes de felicidade, que o ruido e perturbação dos negocios publicos depressa interromperam, arrastando-o de novo á scena politica. Estava em Borba, afastado dos enredos e conspirações da época, quando a voz da reacção triumphante em 1823 o veiu despertar. D. João vi, depois do passeio militar de Villa Franca, reassumira o poder absoluto com a solemne promessa de uma carta liberal, e D. Pedro de Sousa, creado depois marquez, foi chamado para compor o gabinete, aonde já se combatiam ainda em embrião as duas facções apostolica e moderada. Esperavam os seus amigos, que elle com a auctoridade do seu voto ajudasse o monarcha a perseverar no cumprimento das concessões, abraçadas então com sinceridade por varias pessoas influentes e por varios nobres.

Mas os demagogos do despotismo, não menos perniciosos que os demagogos da liberdade, não perdoavam ao rei a sua bondade, nem ao marquez de Palmela as sympathias constitucionaes. A rainha D. Carlota Joaquina, digna irmã de Fernando vii, anceando o poder para si, não hesitava na escolha dos meios de o empolgar. Centro e estimulo de todas as conjurações annunciou os planos, que meditava, pelo mysterioso attentado, que roubou a vida ao marquez de Loulé, ao confidente fiel do monarcha, cujo delicto fôra sustentar com os mi-

nistros a necessidade de um governo de conciliação e a oportunidade de reformas providentes. O terror e a consternação, que semelhante golpe infundiu nos animos, foram profundos no palacio, na cidade, e no reino. O paço dos reis transformava-se em uma especie de alcassar barbaresco, e o ferro de sicarios tenebrosos puniam com mão invisivel os que a facção apostolica detestava! A acção da justiça, que devera ferir prompta e inexoravel, tremeu deante de falsas condescendencias, e os auctores do homicidio, desassombrados, cobraram animo para apontarem mais alto os tiros.

A revolução, que rompeu dois mezes depois, em 30 de abril de 1824, assim o demonstrou. Preza em um fio inextricavel de intrigas a vontade de el-rei e dos ministros nunca pôde prevalecer. O marquez de Palmela, proscripto pelo partido que por um momento dominou, era preso e conduzido á torre de Belem, seguramente para correr o destino das outras victimas marcadas pelo odio do bando apostolico. D. João vi refugiado por conselho unanime dos embaixadores a bordo da nau *Windsor Castle*, surta no porto de Lisboa, sentia vacillar a corôa, que mão ousada quasi se atrevera a arrancar-lhe da cabeça. O soberanô triumphou, a rainha teve de supportar em parte a sorte que dispozera para o esposo, e o infante D. Miguel, docil instrumento de sua mãe, saiu do reino em castigo das temeridades commettidas.

Esta meia victoria ainda enfraqueceu mais o governo. Desafrentado do poder dos facciosos carecia de firmeza e energia para os comprimir, e lhes cortar a esperanza de novas tentativas. A alma timida de el-rei não era para rasgos resolutos, e a sua saude melindrosa já inquietava os que receiavam ver por morte d'elle o sceptro nas mãos da reacção. Não admira, pois, que o marquez de Palmela nos fins de 1825 trocasse quasi com alegria as funcções de ministro de estado pelas de embaixador portuguez em Londres, embora a sua demissão fosse mais uma prova da pusilanimidade do monarcha. Obrigado por uma intimação peremptoria de Sir William Á Court a subscrever á queda immediata do marquez de Subserra, ministro do reino, suspeito de demasiado favoravel aos interesses de França, D. João vi cedeu ao medo e executou a ordem; mas para se vingar da coacção, e magoar a Inglaterra, que presava as prendas politicas do marquez de Palmela, assignou no mesmo dia a exoneração do seu ministro dos negocios estrangeiros!...

D. Pedro de Sousa, respirando em fim dos cuidados de um

governo trabalhoso e quasi esteril, partiu com a sua familia para a côrte de Londres, junto da qual era acreditado pela terceira vez, e aonde mal podia conceber então, que o aguardavam os mais difficeis e penosos encargos de toda a sua carreira diplomatica. Atavam-se então na capital da Grã-Bretanha os nós do trama, que a santa alliança não descansava de tecer para illaquear os povos, soffocando a explosão das idéas liberaes, e propondo-se exterminal-as a ferro e fogo em toda a parte. Portugal não escapára á sua vîgilancia, e todos os dias se cruzavam no *Foreing office* as intrigas de Lisboa, do Rio de Janeiro e de Vienna de Austria, aonde residia o infante D. Miguel. No meio das preoccupações d'esta lucta sem repouso o veiu encontrar a noticia da morte de D. João VI, a da abdição do imperador do Brasil, o sr. D. Pedro, e a da outhorga da carta constitucional de 1826. Redobravam com estes successos as difficuldades politicas, e não era preciso ser tão perspicaz, como elle o foi sempre, para notar no horisonte a ameaça das tempestades, que não se demoraram dois annos a reben-tar. Tudo as denunciava, e tudo concorria para ellas engrossarem.

IV

As desgraças inevitaveis, que estão na essencia das cousas, acham sempre quem procure explical-as por motivos apparentes, mais em harmonia com as paixões momentaneas dos partidos, do que com a razão, a verdade, e a logica dos acontecimentos. A facção apostolica e absolutista não tinha sido vencida, nem desarmada. A rainha D. Carlota, o clero, as ordens religiosas, a maior parte da nobreza, e as multidões, todos os abusos e privilegios, todos os preconceitos e interesses, que liam nas paginas da carta, e na execução sincera d'ellas, a sua sentença de morte, detestavam o novo codigo, e estavam resoltos a passar por cima da legitimidade para o rasgarem. Em quanto a guerra se não travasse em liça aberta, entre elles o os liberaes, em quanto a voz do canhão não decidisse a qual dos dois campos havia de pertencer a victoria, o conflicto não podia terminar, e todas as armas pareciam licitas aos contendores para o inflammarem.

A serie de precipitações, de erros e de imprudencias, que trouxeram a reacção de 1828 nasceram mais ainda do imperio das circumstancias, do que de culpas e leviandades dos homens, que, pilotos illudidos, não conseguiram desviar a nau do estado dos escolhos, aonde naufragou. Proclamado em Por-

tugal o sr. D. Miguel de Bragança, o marquez de Palmela não trepidou um instante entre o dever e a consciencia. Protestou, logo e abertamente contra o que por brios, fé, e principios tinha obrigação de declarar perjurio e usurpação. O sacrificio era immenso. Immolava por largo tempo, talvez para sempre, todas as vantagens de fortuna e posição grangeadas em tantos annos de serviço. Arriscava em um só lance a sorte e o futuro de uma familia querida, da esposa e dos filhos, nascidos e creados no regaço da opulência e da riqueza. Cerrou os olhos ás consequencias, e não escutando senão a lealdade, seguiu denodadamente a estrada da honra, preferindo mendigar a envilecer-se.

N'esta crise as acções do marquez de Palmela foram as mais nobres e memoraveis. A rainha chegara á Europa, e não obstante a má vontade do duque de Wellington, e do seu gabinete, o nosso embaixador em Londres alcançou que o rumo da viagem fosse mudado, e que em vez de buscar a côrte de Vienna de Austria, sua magestade fixasse em Inglaterra a sua residencia provisoria. Notavel vecissitude das cousas! A soberana ainda na infancia corria os mares sem patria e sem throno, proscripta como os subditos fieis, que por ella padeciam! Em 7 de outubro de 1828 a senhora D. Maria II, na idade de dez annos, recebeu nas salas do *Hotel Grillian* as primeiras homenagens dos vassallos do infortunio, dos crentes perseguidos e desterrados da santa causa da liberdade, que ali juraram, e tão bem o souberam cumprir depois, expulsar do solio portuguez a usurpação e o despotismo, restituindo á herdeira esbulhada de D. Pedro a corôa, que sua avó e seu tio cuidavam ter-lhe arrancado para sempre! Foi tambem na casa da embaixada portugueza de South Audleij Street, que a rainha bordou a bandeira, mandada em seu nome ao batalhão 5 de caçadores!

A revolução do Porto malograda, e as injustas accusações, com que a ingratição offendeu o coração do marquez de Palmella, não esmoreceram o seu zelo, nem desmaiaram a vivesa do seu patriotismo. Dois cavalheiros da Terceira com o batalhão 5 de caçadores commetteram por fins do anno de 1828 a arrojada e quasi louca empreza de se opporem nos rochedos da pequena ilha a todo o poder de Portugal. A seus rogos acudiram alguns officiaes emigrados, e atraz d'elles algumas praças de voluntarios e do exercito. Assim se constituiu e desenvolveu o nucleo do exercito, que em 1832 veiu immortalisar no cerco do Porto a gloria de suas armas. A esse tempo esta-

vam desvanecidas as esperanças, que a presença da joven soberana reverdecera por momentos no peito dos exilados. A realidade das privações, das saudades, e do desamparo succedera a este fugitivo clarão. A expedição do conde de Saldanha fôra metralhada nas aguas da Terceira pelos navios britannicos. O conde de Villa Flor, mais feliz, illudindo o cruzeiro entrára na ilha, e governava-a como general; a rainha voltou para o Rio de Janeiro por ordem de seu pai; e a regencia nomeada por D. Pedro partio para os Açores, no principio de 1830, a bordo da pequena escuna *Jack of the Lantern* cujo nome comico ficou na historia.

A ilha estava bloqueada pelos vasos de guerra do governo de Lisboa, e o marquez condemnado á morte pelas alçadas da usurpação! O perigo era tremendo, mas a fé nunca faltou a D. Pedro de Souza na terra do exilio. Cria firmemente que o triumpho seria apenas questão de tempo, e que os proscriptos tornariam a ver outra vez a patria. Deixando os commodos da vida aristocratica ingleza, expoz-se voluntariamente á morte do soldado, ou ao supplicio dos martyres, para do alto dos penhascos da estreita ilha, ultimo asylo de uma nobre causa, associar o seu nome ao dos homens, que d'alli dataram as profundas e decisivas reformas, mais poderosas que os exercitos e as victorias, que extirparam pela raiz as instituições do passado, fundando a sociedade nova.

Dois factos n'este periodo atribulado exaltam o vigor do seu espirito e a integridade do seu character. Propoz-se-lhe a restauração da rainha com o sacrificio da carta constitucional. Recusou-a indignado, antepondo o amor da liberdade ao termo immediato do captiveiro. O conde de Calhariz, D. Alexandre, pelos dotes da alma e as prendas da intelligencia era na idade de dezanove annos o seu orgulho e a sua consolação no meio de tantas fadigas e revezes. Adoeceu, cresceram rapidamente os symptomas de assustadora affecção pulmonar, e quando a chegada do imperador D. Pedro á Europa attrahiu o marquez de Palmela a França, veiu encontrar quasi sem esperanças o herdeiro do seu nome. Rasgava-se-lhe a alma entre a dor de se ausentar, deixando-o em tal estado, e a voz imperiosa, que o chamava, roubando-o aos cuidados do coração para o applicar aos aprestes da esquadra de Belle Isle. Obedeceu ao dever, e a afflicta mãe acompanhou o filho moribundo á ilha de S. Miguel indicada pelos medicos para tentar a mudança de ares em climas mais benignos. A expedição libertadora aportou a S. Miguel pouco depois da marquezia e do conde de Calhariz,

e ao passo, que o futuro animava a todos minguavam de hora para hora as ultimas esperanças dos afflictos pais! A perda do conde foi um golpe cruelissimo, de que o duque nunca se convalesceu inteiramente. Supportou-a com a resignação forte e reprimida de um animo viril, porém o luto e a nodoa das lagrimas, que então consumiu comsigo, nunca mais se apagaram.

A expedição navegou para Portugal. Ia tentar uma aventura, que o heroismo chamava sublime, que a razão fria tratava de temeraria e chimerica, e que a fortuna depois de algumas severidades se encarregou de justificar, coroando-a de louros. Tudo estava contra ella, menos o valor indomito, menos a paciencia e a perseverança, menos a resolução firme de vencer. Sete mil e quinhentos homens desembarcados nas praias do Mindello lançaram a luva a oitenta mil, resistiram ás fadigas e vigalias de um longo cerco, e cortados de feridas e de privações, por baixo das ballas e bombas das baterias, entre o açoute do contagio e o flagello das miserias humanas, conquistaram palmo a palmo a terra de seus maiores, e abraçados com o seu estandarte, só pararam, quando o viram ondear victorioso sobre todo o Portugal.

A actividade e a confiança do marquez de Palmela não se desmentiram n'este intervallo doloroso, em que tudo parecia desamparar os cercados. Foi duas vezes a Londres e Pariz empenhar o valimento e influencia n'aquellas cortes em favor de seus irmãos de armas, preparar a expedição do Algarve, e resolver a partida do intrepido Napier, seu amigo particular. Com este valioso soccorro voltou ás agoas do Douro, e como se a providencia quizesse assignalar ao mesmo tempo a sua clemencia, d'esse dia em diante principiaram as cousas a mudar de aspecto. Auctor principal do arriscado projecto de invadir o reino pelo sul coube ao marquez a direcção politica d'elle. A esquadra de Napier e a divisão do duque da Terceira libertaram Lisboa, e uma serie de triumphos encerrou rapidamente a maravilhosa epopeia dos nossos tempos. O marquez de Palmela, creado duque, abraçou seu filho mais velho, o marquez do Fayal, e sua estremosa esposa, dos quaes tantos annos de amargura o traziam quasi sempre apartado.

V

O imperador, chegou a pisar a terra onde nascera, e a velarremida; porém não lhe foi dado acabar a sua obra. Apenas sentou a rainha no throno, e abriu as portas a uma epoca de

paz, na idade em que tantos florecem, desceu ao tumulo, deixando fugir das mãos as redeas do estado, quando mais careciam de quem as regesse com firmeza. A senhora D. Maria II, declarada maior para reinar, chamou aos seus conselhos o duque de Palmela, e confiou-lhe a presidencia do conselho. Os partidos nascidos na emigração, cujos odios envenenavam mutuas offensas, novos ainda nas transações do governo representativo, combatiam-se na tribuna, na imprensa e nas praças com um ardor e arrebatamento, que os tornava a miudo injustos. A morte do principe Augusto, primeiro esposo da rainha, servio de pretexto ao ridiculo e absurdo tumulto das Chagas, ferindo o estadista eminente, que via assim calumniadas pelas vozes do vulgo a sua lealdade e relevantes serviços. As opiniões eram ainda confusas e mal seguras, e as invejas e malquerenças não concorriam pouco para cegar os animos.

A revolução de 9 de setembro de 1836, consequencia das commoções, em que o poder se disputava em nome das suspeitas e das rivalidades, agravou todos os males e incertezas d'esta situação. O seu maior erro foi rasgar fundas e irreconciliaveis divisões no seio do partido liberal, derrubar em uma noute de tumulto o codigo sagrado por tantos sacrificios, e talvez arriscar a propria liberdade se os seus inimigos estivessem menos desalentados. A guerra civil seguio-a de perto, e o paiz dilacerado pelo esforço opposto de facções intolerantes, que empregavam como armas não defezas o ostracismo, as conspirações, e as revoltas, nem pôde colher os beneficios das reformas intentadas pelo imperador, nem semear senão tormentas n'estes primeiros annos de noviciado constitucional, em que os progressos verdadeiros foram constantemente desprezados no meio dos incendios e discordias.

O duque de Palmela teve de emigrar segunda vez; mas apenas se promulgou a constituição de 1838 reconheceu os factos consummados, e eleito senador veio tomar assento na segunda camara. Estava contractado pelos duques o casamento do marquez do Fayal com a filha da condeça da Povoá, menina de dez annos, cuja tutela a duqueza assumio a rogos de sua mãe. No entanto, serenados por um momento os horisontes, foi D. Pedro de Souza nomeado embaixador extraordinario para assistir em Londres á coroação da rainha Victoria, e acompanhado de sua mulher desempenhou com fausto e desinteresse esta honrosa missão, toda a expensas suas. De volta a Pariz principiaram os dissabores por causa do casamento do marquez de Fayal. Falecera o filho varão do conde da Povoá, e em sua

irmã se accumulava toda a herança d'aquella opulenta casa. O duque supportou, com a costumada firmeza os desgostos da iniqua e acintosa guerra, que lhe promovia a cubiça, e ratificado o casamento, vio alvorecer com melhor aspecto o anno de 1841, em que o marquez, seu filho, lhe apresentou uma neta, a sr.^a D. Maria de Souza e Holstein, nascida em 14 de Agosto, primeiro fructo do seu consorcio.

Estão ainda tão recentes os ultimos aconsecimentos politicos, e deve ser tão estranha a um esboço d'esta indole a sua apreciação, que apenas tocaremos de leve alguns pontos capitaes. A carta de 1826 foi proclamada no Porto em 27 de Janeiro de 1842, e o duque encarregado pelo seu espirito conciliador de constituir o gabinete formado para sustentar a constituição de 1838. O movimento progredio e triumphou. Publicou-se o decreto de 10 de Fevereiro, e com elle julgou-se terminado este episodio, de que tantos conflictos haviam de brotar depois. Retirado da scena activa, e quasi neutral entre os partidos, cada vez mais irritados, o duque desaprovou a revolução de 1844, e não estranhou com menos vehemencia a dictadura, em que os vencedores se precipitaram a pretexto d'ella. Os padecimentos da duqueza, agravaram-se n'este meio tempo. A sua saude havia tempo que declinava, e para atalhar os progressos da molestia, distrahindo-a, emprehendeu D. Pedro de Souza uma viagem de longos mezes. De França passou a Italia, aonde ambos visitaram as suas propriedades e antiga casa de Sanfré no Piemonte, continuando depois a digressão por Milão, Veneza, Florença, Napoles e Roma. Nos fins do anno de 1845 regressaram a Lisboa para celebrarem o consorcio de sua filha a sr.^a D. Catharina com o conde das Galveias, D. Francisco.

Abertas as côrtes de 1846 declarou-se o duque em opposição ao ministerio, pronunciando discursos notaveis pela lucidez e vigor do raciocinio. As suas previsões depressa se realisaram. Estalou a revolução popular do Minho, caio o gabinete, e achando-se na sua quinta de Calhariz foi chamado pela soberana e pelo paiz sobresaltado para organizar a nova administração. Cedeu, ainda que constrangido. O seu nome estava na bocca de todos, e invocando-o com igual esperanza n'esta hora de confusão e receio amigos e adversarios. Era, diziam, o unico homem capaz de dirigir e moderar n'este momento as paixões exaltadas!

O ultimo ministerio do duque durou poucos mezes: Interrompeu-o a reacção de 6 de outubro. Mandado sair peremptoriamente de Portugal recebeu em premio dos serviços, que aca-

bava de prestar, este documento do odio dos emulos e contrarios. Restituído á capital depois da convenção, que encerrou a guerra civil, partio para a ilha da Madeira, tentando este derradeiro recurso para salvar os dias da esposa ameaçados pela enfermidade, que não cessára de se adiantar. A volta ainda foi mais triste. O remedio não aproveitou, e tres dias depois a duqueza expirava nos braços de seu marido e de seus filhos, despedindo-se d'elles, a 20 de abril de 1848.

A saudade inconsolavel da que lhe fôra companheira querida em todos os trabalhos, jubilos, e tribulações de tão larga carreira, abreviou a vida ao duque. Quasi estranho aos negocios, e só occupado em colligir as memorias dos grandes successos, em que fôra actor e parte principal, a morte veio alcançá-lo, preparado para a receber, no dia 12 de outubro de 1850. A sua falta causou em Lisboa e no reino dolorosa e profunda sensação. O seu elogio rompeu espontaneo da bocca do povo e de todas as classes. A posteridade começou para elle, como para Sir Robert Peel, logo ao limiar do tumulo. Compete á historia gravar mais tarde com o seu buril severo as feições d'este nobre vulto, um dos primeiros, senão o primeiro, do nosso seculo, em Portugal.

As qualidades da alma no duque de Palmela realçavam as do espirito. A sua benevolencia atrahia, a sua caridade consolava e protegia, a sua generosidade respondia ás offensas com obsequios. Politico deveu-lhe o paiz os maiores sacrificios para reconquistar a liberdade, e a dynastia rasgos admiraveis de abnegação para lhe restituir o throno. Liberal e convencido; mas prudente e moderado, se temeu algumas vezes os impetos da multidão, se a não seguiu nos irreflectidos accessos de ardor febril, luctou sempre intrepido até ao ultimo suspiro pela pureza e sinceridade das instituições, que ajudára a restaurar. Orador, se a sua inspiração não levantava os voos audaciosos de Mirabeau, primou na eloquencia persuasiva e lucida da razão e da verdade. Escripitor, a sua penna correcta e elegante sabia todos os estylos e moldava-se a todos os generos. Ninguem o excedeu em patriotismo, poucos o igualaram em serviços, e raros grangearam para si nos annaes modernos uma pagina tão brilhante. Este foi o duque de Palmela. Portugal ha de ufanar-se em todas as épocas de o contar como um de seus filhos mais illustres.

L. A. REBELLO DA SILVA.

MARIA PRATAS

(Lenda da Beira)

III



em tempos muito antigos havia aqui na povoação uma rapariga tão linda e tão gentil; tinha um rosto tão loução e prazenteiro; um collo tão bem torneado e branco; era emfim um composto de tantas graças e perfeições, que todos á uma começaram a chamal-a Maria de Prata e por abreviatura, Maria Pratas, porque era tão bonita, como a imagem da Virgem feita de prata, que havia na capella do senhor morgado. Não se ensoberbeceu ella com tantos gabos, e se a sua formosura quebrava os olhos ás raparigas da aldeia, não era por culpa sua, que nenhuma tinha mais modestia e recato. Diziam todos os rapazes que ella tinha o coração frio como o gelo, e que, se não se importava com as fallas de amor que lhe fallavam, e com os olhares de paixão, que lhe deitavam, era porque Maria Pratas ambicionara o filho do morgado, moço bem parecido e de feição, que de continuo a perseguia. Mas

era tudo mentira. Maria Pratas desprezava o morgadinho, que só tinha intentos damnosos e filhos do peccado da luxuria.

A linda moça amava um rapaz, mas amava-o em silencio, e esse amor, que lhe levava a vida, e que era sua unica alegria, calava-o ella no peito, e a ninguem o dizia, nem mesmo ás companheiras da mocidade. Era pobre o amante; desvalido e só, engeitado e vivendo á custa das jornas, que lhe custavam o suor do rosto, mal podia costear a vida, quanto mais coalhar vintem, para comprar casinha e horta, que levasse em dote.

Em vão mourejava o triste; em vão chorava a Maria Pratas, e empanava com o pranto o brilho dos seus olhos de anjo; não conseguiam coisa que se visse, e a pobreza e a miseria seguiam-nos sempre, quaes sombras vingadoras, até nas raras conversações, quando elles se encontravam nos escusos caminhos do valle, ou nas desvezas do monte, e confessavam mutuamente o amor, que os abrazava. Olhavam então um para o outro tristemente e dizia o moço: Se este campo fosse meu, ia pedir-te a teu pae; mas a mim, só com a enchada, fechava-me a porta na cara. Debalde lhe respondia Maria, que tivesse paciencia, que atraz de tempo, tempo vem e que ella havia de convencer o pae. Era debalde, que o rapaz voltava a casa, cada vez mais teimoso em tão negros pensamentos de ambição, e Maria vinha sempre com os olhos vermelhos de chorar, estorcia os braços de angustia e desespero, e o amante, lá se ficava com o rosto sombrio e carregado, amaldiçoando Deus e os homens.

Uma occasião, era á bocca de noite, quando os pastores recolhem o gado aos curraes, e os jornaleiros voltam do trabalho. Tocava a campa a Ave-Marias, e o fidalgo vinha do monte onde muitas vezes se ia a montar javardos, e á caça das perdições, que ali havia em abundancia.

O rapaz encostado á enchada, não attentou no morgado e deixou-se ficar de cabeça coberta. Por amor de Maria Pratas, andavam os dois de rixa velha.

— Tira o chapéu, tunante, bradou o moço fidalgo ao jornaleiro.

Este olhou espantado, tirou o chapéu resmungando e disse:

— Tocou Ave-Marias, e vossa mercê tambem se deve descobrir. É a rainha dos céos quem manda.

— Bem fallado! Por vida minha, que és um guapo conselheiro. Perdôe-me a Senhora Virgem, que por descuido pequei, e não por vontade; e perdôe-te a ti tambem, por não soffreres o castigo que mereces.

O cavalleiro tirou o chapéu respeitosamente e pondo as mãos

começou a rezar uma litania em máu latim, segundo diz o sr. cura.

Todos os monteiros, falcoeiros e mais luzida comitiva seguiram o preceito, a tempo que o aldeão ajoelhando ao pé de Maria, rezaram juntos a reza.

Era tão pura e tão limpida a voz da linda aldeã, que ninguém poudes rezar. O morgado não podia despregar os olhos d'aquelle grupo encantador, e revoltado de raiva e sanha, com o rosto torvo e os beiços tremulos, mal acabou o sino de tanger a ultima badalada, exclamou :

— Levanta-te, peão, ergue esse corpo maldito, miseravel engeitado, que ousas tocar a minha gentil namorada, porque á face de Deus e do mundo, juro aqui pela minha cruz de cavalleiro, que morto seja eu se cazar com outra, que não seja Maria Pratas. Alça o rosto D. Maria, mulher de rico homem. És minha noiva.

Levantou-se de um pulo o aldeão ; era medonho o seu aspecto. Via-se que grande desgraça ia acontecer.

— Villão sois vós, senhor cavalleiro, que me quereis roubar o meu unico thesouro. Arrancae-me primeiro a vida, antes de possuir a minha Maria.

— Calla-te ahi biltre, que te arranco a lingua damnada. Vinde cá, monteiros, largae-me a matilha, açulae os fragueiros, que lhe vão rasgar a vil pelle de judeu com os dentes aguçados.

O aldeão ergueu a enxada, encostou-se ao muro, e gritou :

— Ninguém se aproxime, que juro por Satanaz, que o estendo morto no chão.

— Sus! fragueiros, sus! continuou a gritar o moço morgado, a tempo que os cães mordiam enraivecidos nas correias, que tingiam de espuma ensanguentada.

A scena era terrivel e grande a confusão. A grita da creadagem, o ladrido dos cães, e o fallar offegante do amo misturavam-se em concerto infernal, cheio de ameaças contra o aldeão, que com uma das mãos segurava a enxada, e com a outra arredava Maria, a qual, lavada em pranto, em vão tentava interceder em favor do seu desgraçado amante.

— Senhor, exclamou enfim o velho monteiro, com voz serena, posto que tremula, e com um gesto venerando ; senhor, que é isto ? Assim se dá em pasto aos cães o corpo de um christão ? Que diria seu pae ? Se este villão teve o atrevimento de offender a vossa mercê, pagará conforme a justiça d'el-rei, que a todos protege.

— Que dizes ahi, velho? Este peão insultou-me, ha de morrer aqui, e já.

— Não, digo eu. Nunca as mãos do filho do meu amo hão de tingir-se de sangue cobardemente. Não! devesse eu morder a terra, defendendo a honra d'aquelle que a arroja ao lodo.

— Não? respondeu o fidalgo rindo ferozmente. Pois vamos a ver quem vence.

— Senhor! senhor! exclamou a donzella, caindo ajoelhada junto ás patas do cavallo, que o fidalgo montava. Perdoe, senhor, e perdoe-me tambem.

— Que crime commetteste, querida, para te perdoar? Perdoar-me deves tu, porque te amo.

— Senhor, perdão! perdão ao desgraçado que vae morrer por amor de mim, proseguiu Maria, travando da mão, com que o fidalgo lhe affagava o lindo rosto, molhado em pranto.

— Á fé! que tão roseos beiços dignos são de me beijarem as faces. Ainda a barba lhes não veiu; são lisas e macias como as tuas, minha fada gentil

E o morgado firmando-se no estribo, dobrava o corpo e ébrio de amor cingia já o de Maria.

A rapariga ficara-se commovida e receiosa, e como o passarinho, que presentindo o caçador, se aninha tremulo e assustado e só depois, quando o inimigo se foi, ousa deitar a cabecinha de fóra e olhar a furto em redor, antes de alçar o voo; assim tambem a aldeã passou da timidez a acceitar as caricias do fidalgo; mas córou, e voltando o rosto para o namorado, implorou-lhe perdão com os olhos ainda humidos de lagrimas.

Foi então que o inimigo a tentou. Quando se viu abraçada pelo moço fidalgo, em vez de rezar um *pater*, sentiu um movimento interior de vaidade e orgulho. Depois, olhando para o aldeão, teve medo, porque elle seguia aquella scena horrivel, em que o seu amor se ia esvaecendo a pouco e pouco, com olhares de raiva e desespero. Sem saber a que ater-se, levantou os olhos para a serra. Estava lavrada a sua sentença, sentença de perdição e de morte.

N'este ponto o estalajadeiro parou um pouco a tomar folego e ateou a fogueira, conchegando o corpo da velha, a qual abrindo os olhos espantados, cantou com uma voz cavernosa e tremula a seguinte trova popular:

Lobishomens são lá fóra,
truz! truz! truz! cá vem bater.
Da creancinha que chora,
quente sangue vem beber.

Caiu prostrada outra vez, olhando sempre para a porta, com pertinacia infantil. Contemplando a pobre doida lembrei-me de a comparar a uma caixa de musica arruinada. De vez em quando, e quando menos se espera, ouve-se um fragmento de *aria*, uma cavatina mutilada, seguindo-se logo o silencio e a mudez.

E agora que estou escrevendo, peço desculpa aos que prezam as comparações poeticas, se esta lhes não sae a seu sabor, que me parece expressiva, e tanto basta.

Mal a velha tinha acabado a sua triste cantilena, apertara-me o aldeão o braço, e disse-me em segredo :

— Não ouve raspar á porta ?

Appliquei o ouvido e respondi :

— Não, não ouço nada.

— O cão negro raspa á porta, exclamou a velha, erguendo-se de um pulo, com os cabellos erriçados e gestos furiosos. É o senhor Satanaz. Entre ! entre ! meu senhor, vamos dançar. Entre pelas fisgas da porta, que já estou prompta.

— A santa Virgem se amerceie de nós, dizia o velho resando uma Ave-Maria.

Eu contemplava pasmado aquella scena, e para lhe pôr mate cheguei-me á porta, e abria, resolvido a arrostar com o proprio demo em pessoa, precipitando-o do balcão.

Foi um feito valoroso, porque quando corri a caravelha, tremia-me a mão, sem vergonha o confesso aqui muito em segredo.

Nada havia ; estava tudo em silencio. O manto da noite envolvera o horisonte com as suas dobras sombrias, apenas tufadas pela gelada viração da serra.

Soltei uma gargalhada que eccoou no valle, e que se foi repercutindo, até de todo se perder na amplidão, como se cada rochedo fosse um demonio, que escarnecesse dos meus terrores involuntarios.

Veu o velho pé ante pé junto a mim, e deitando em roda um olhar receioso e timido, vendo a sua propria sombra estendendo-se ao longe qual gigante movediço e phantastico, fechou de repente a porta, trancou-a com todo o cuidado e sentando-se outra vez no lar, exclamou :

— Louvado Deus ! Era engano.

A doida, depois de se pôr á escuta, regougou umas rezas cabalisticas e seguiu o exemplo do marido.

Fiz o mesmo, e passados momentos assim continuou a narrativa :

Maria estava perdida. Na cumeada da serra, em que se le-

vantam a pino enormes penedos, como que formados em linha de batalha, e desafiando as nuvens com as suas cristas agudas, appareceu Satanaz, o inimigo dos homens, cercado de uma aureola coruscante, e negro, negro como um tição requeimado.

Baixára emfim a noite. Nada vinha turbar a limpidéz do céo. Por entre as nuvens azuladas erguia-se sobre um rochedo o demo-maior, fuzilando raios pelos olhos, com as pontas recurvadas, que se perdiam nos ares, e agitando nas mãos aduncas um facho, uma lumeeira brilhante. Dançava pelo ar o maldito, e fitando Maria Pratas, logo lhe influiu a mofina paixão pelas vaidades do mundo. Sumiu-se, e só a perdida o tinha visto. Ainda hoje, no cocuruto do penedo vêem-se as pegadas do demonio.

Maria Pratas, levada da tentação, offereceu então o rosto ao fidalgo, e rindo, recebeu um beijo, que logo ali pagou.

O namorado meneou a enxada, com o desespero n'almia e a sanha no peito, e como o leão que vê arrebatarem-lhe a fêmea, soltou um rugido, deitou a terra creados e caçadores, e de um pulo, chegou-se á impia, agarrou-a pelo corpo, e levantando-a nos braços deitou a correr por entre sarças e penedias, até que desapareceu.

— Inferno! troyejou o fidalgo; inferno! e damnado seja eu se Maria Pratas não fór minha mulher. Mil almas que tivera, mil almas vendêra a Satanaz, por ter nos braços Maria Pratas.

E enterrando as esporas nos ilhaes do cavallo, deu este um grande pulo, e começou a correr, a correr serra acima, salvando abysmos, transpondo gargantas e algares. Deixava um rasto de fogo pelo ar, parecia mal tocar a terra com as patas chammejantes; respirava chammas e brazas e voando, voando sempre, cavallo e cavalleiro foram formando um só corpo, até que se transformaram em lobishomem, ouvindo-se ao longe o tlin-tar da cadeia, que lhe rodeava o pescoço, em signal de preito e homenagem ao demo. Passados uns instantes viram os caçadores affundar-se o lobishomem até que de todo desapareceu na Lapa do Lobo.

Ouviu-se um grande estrondo.

— Deus seja comnosco, que o nosso amo vendeu a alma ao demonio, disse o monteiro em voz baixa, e tirando o chapéu. E todos se persignaram, e cheios de medo e terror, voltaram-se para o solar morgadio a darem tão triste nova ao velho fidalgo.

IV

Que fez emtanto o aldeão?

Correu, correu, como louco, até que perdidas as forças, deitou-se ao lado de Mária, debaixo de uma arvore para tomar o folego a nova correria. Mal sabia o desgraçado o que lhe havia de acontecer.

Quando o fidalgo quiz beijar a linda moça, fez-se ella mui vermelha, mas tentada pelo inimigo, ia estendendo o rosto sem querer. N'um só momento perdeu a alma, porque se tornou ambiciosa e vaidosa. Pensou que viria a ser rica dama; que podia andar em corcel farfante, rodeada de lacaios, escudeiros e aias, como as mulheres dos rico-homens e grandes prestameiros da corôa. Tudo isto pensou a mal aventurada; perdeu-se para sempre. Assim é, que quando o amante a arrebatou, sentiu ella grande tristeza no coração.

Cançado de tanto correr, adormeceu o aldeão em profundo somno, que era obra de Satanaz. Maria Pratas ficou velando mergulhada nos seus negros pensares e de repente viu ella apparecer por entre o mato o fidalgo, voltado já a fórma humana, mas trazendo ainda a corrente ao pescoço. Brilhava-lhe na mão um punhal.

—Jesus! credo! exclamou Maria mal o avistou.

—Não profiras essas palavras que me fazem arripiar.

—Que cadêa é essa?

—É a do nosso amor.

Maria olhou para elle, e apezar de já estar perdida, abaixou os olhos, tal era o fulgor impudico, e a infernal voluptia, que ressumbrava dos do fidalgo.

—Queres ser minha mulher, Maria Pratas?

—Quero voltar para casa; depois responderei.

—Ah! Ah! Ah! riu o morgado. Has de vir para a minha.

—Para a sua, sim, como mulher.

—A minha casa é um pouco humida, mas has de affazer-te. Aquecerás com o bafo do meu amor. Vem, vem, voemos por ares e ventos.

E o morgado ia-se transformando outra vez em lobishomem; crescia a felpa a pouco e pouco; as garras aguçavam-se, e os dentes batiam uns contra os outros. Os olhos eram carvões accesos; pareciam querer sair das orbitas.

—Ui! que é um lobishomem, gritou Maria.

—Por amor de ti, respondeu o fidalgo. E soltou um uivo pro-

longado, affagando o rosto de Maria, que tremia de medo, com a macia cauda.

—E o meu pobre amante? exclamou ella, lembrando-se ainda do antigo amor.

—Teu amante? regougou o lobishomem, meneando o punhal. Já vaes ver o destino, que lhe espera.

Accordou o aldeão e furtando o corpo, evitou a punhalada eminente. Não perdeu coragem, e abrindo a navalha, correu para o lobishomem, porque se o podesse ferir, não só se livrava, mas fazia acabar o encantamento ao desgraçado, que voltaria á fôrma humana; mas surgiu de repente o démo, que poisando a mão nos hombros ao aldeão, prostrou-o, deixando-lhe uma queimadura.

O lobishomem, dando enormes pulos fugiu para a lapa, levando nos braços a feiticeira, que pela cubiça, perdeu a salvação.

No outro dia foi-se o velho morgado, cruz alçada, e sacario aberto, em cata do filho; mas debalde correram a serra, que nada encontraram. O pobre pai até entrou na lapa, mas baldo foi o empenho. Missas, que se rezaram, procissões, que se fizeram, nada valeu. Veiu até clerezia de fóra, correu um santo bispo, que exorcismou a serra, que tudo foi inutil.

Só toparam com o namorado de Maria, no fundo de um fojo, com uma grande queimadura, onde se conhecia a garra bifida do cão tihoso.

Trouxeram-n'ó; ás perguntas que lhe faziam, nada respondia. Andava em continuos jejuns e penitencias, porque tinha sido tocado pelo inimigo. Vivia uma vida santa.

O velho morgado deixou-lhe muitos bens, quando morreu, e em quanto vivo, sempre o tratou como filho.

Fez-se então eremita, fundou um convento na serra, para a purificar do ruim peccado, que a empestara, e de sacola ás costas, rosario ao peito, foi-se viver na lapa, onde erigiu um altar, com todos os aprestos para dizer missa, depois de ter levantado a excomunhão maior, que pezava n'aquelle sitio maldito.

Mas de pouco valeram as orações do santo eremita, porque todos os dias sentia elle os gemidos de Maria Pratas e os uivos do lobishomem, que estavam fechados ali.

Foi o caso, que o santo eremita, como benzesse a lapa, aspergiu-a com agua benta. Os dois amantes, que viviam em torpe peccado, não podiam fugir para fóra, porque lá estava o hysope, que os perseguia; foram-se pois mettendo caverna dentro,

até ás mais intimas e solurnas profundezas, porque quando ouviam a campainha, que tocava a *santos*, começavam a tremer, que até os ossos se deslocavam.

Não sabia o bom eremita como apanhar os dois impuros, quando se lembrou de um laço de que se não podiam escapar.

Uma noite, que elles andavam em doidas tropelias, disse-lhes elle cá de cima que podiam sair, cada um de sua vez. Aceitaram, e saiu o lobishomem felpudo, rangendo os dentes e aos pulos. Tanto que chegou á boca da lapa e viu o eremita com o sacrario aberto e o santo Christo na mão, estacou, assentou-se, agitou a cauda, erriçou os cabellos, e começou a tremer, não podendo até uivar.

— Aproxima-te, lhe disse o eremita.

Chegou-se o lobishomem, e estendendo o pescoço, manso como um cordeiro, ficou prezo a uma grossa cadêa de ferro, que o santo sellou na rocha.

Chegou a vez de Maria Pratas.

Vinha ella toda lépida, cantando uma cantiga de amores, e era tão linda, tão linda, tão brilhantes os negros olhos, a sua voz tinha um timbre tão mavioso e feiticeiro, que o santo eremita sentiu outra vez atear-se no peito a paixão, que elle cuidava extincta. Tremeu-lhe a mão mal avistou a sua antiga amante, mais formosa ainda; o rosto pallido, a que ella deu logo umas sombras de vaga tristeza, era de anjo; os cabellos soltos ao vento, mal encobrando a nudez de um corpo admiravel, vestido apenas de um delgado cendal, os dentes brancos como neve, o peito arfando em ancias de paixão, e o gesto supplicante e como que arrependido, eram um conjuncto de seducções, dé que o santo ia sendo victima. A feitceira já contava com o triumpho, e ria-se interiormente levantando as mãos, para travar da que o eremita lhe estendia involuntariamente. Ai! d'elle, se tal fizesse, que logo seria tragado. Quiz o seu bom anjo, que elle olhasse para o lobishomem. Este, com os olhos fixos e abertos, escarvando a terra com as unhas, e açoitando os ilhaes com a cauda hirsuta, preparava o pulo fatal. Caiu em si o santo penitente e fazendo o signal da cruz, aspergiu a feitceira com agua benta. Deu ella um berro, que fez tremer as pedras, e fez-se negra como um carvão. Depois começou a gemer, até que tambem ficou acorrentada defronte do lobishomem.

Assim soffreram elles o castigo, que os seus peccados estavam pedindo; mas, cerrando os ouvidos ás predicas do santo, só pen-

savam na morte d'elle, já que o não podiam tentar, para se livrarem das penas.

As vezes, quando o eremita lia o breviario, começavam elles a namorar-se, e os olhos do lobishomem faiscavam chammás. A lingua ia-lhe crescendo, crescendo, e as garras augmentavam tambem, para cingirem a maldita feiticeira, que fugia para longe; mas acudia logo o santo com o hyssope, e os negregados tremiam e uivavam, pedindo perdão. Durou este castigo em quanto viveu o santo; mas quando morreu, como ninguem tivesse as suas virtudes, arreentaram os dois amaldiçoados as cadêas, e voltaram ás correrias antigas. Desde então para cá, de cem em cem annos, necessita a feiticeira do sangue de uma virgem, para recuperar a formosura, que se lhe vae esvaindo a pouco e pouco. O lobishomem come a carne, e Maria suga o sangue. A virgem ha de ser orphã, e foi assim que minha filha morreu, para que minha neta podesse servir áquelle infernal encantamento. A minha pobre mulher endoideceu com aquelle golpe profundo; e hoje, velhos e sós no mundo, sem arrimo nem consolo, arrastamos uma vida de miserias e sofrimentos. Maldita seja Maria Pratas, e maldito, tres vezes maldito o lobishomem.

— *Amen*, respondi eu commovido com aquella narrativa phantastica e legendaria. Parecia-me ter sonhado; tinha o peito oppresso, e contemplando o ancião, curvado sobre o fogo, acariciando ainda a velha, que dormia encostada nos joelhos, com os pés no brazido; vendo-me só, envolto no silencio e na mudez da noite, tive medo, e levantando-me, abri a porta e fui respirar o ar frio e penetrante da serra. Era esplendido o espectáculo. A serra levantava-se em amphitheatro illuminada de chapa pelos raios da lua. Em baixo corria o Mondego, produzindo um soido monotono e continuo, e os salgueiros, meneando a coma esguia, pareciam embalar-se a si mesmos ao som das aguas que vinham beijar-lhes os troncos. O valle era vicejante, mosqueado a espaços de oliveiras negras e sombrias, e de moitas de carvalho, que havendo perdido a folhagem, e sendo agitadas pelo vento, similhavam legiões de demonios com os braços erguidos e enlaçados em perpetua luta.

Contemplando as magnificas profundezas do ceu, serenei o animo e esqueci-me dos phantasmas legendarios; mas avistando a serra, não sei que vultos me pareceu ver surgir, que cerrei a porta, e voltei a sentar-me junto ao lar.

O velho ainda estava na mesma posição, mas a consorte contemplava com um olhar estúpido as brazas do lume. De re-

penete erguendo os olhos baços para mim, fitou-me, e disse-me baixinho, fazendo um gesto para que guardasse silencio:

— Maria Pratas sou eu. Eu fui quem matou minha filha, e quem sugou o sangue de minha neta. Ouve? Maria Pratas sou eu, sou eu. O lobishomem, ah! ah! ah! o lobishomem... é meu amante.

Estas ultimas palavras foram cavernosas e lugubres. Parece que quando as proferiu, alguma coisa lhe arreventou lá dentro.

Pobre louca!

.....
 Não pude dormir. Mal o ceu se tingiu com o primeiro alvor da madrugada puz-me a caminho.

.....
 A. OSORIO DE VASCONCELLOS

Nota

Era necessario esta nota por duas fortissimas rasões:

1.^a Ousando apresentar este conto popular affastei-me do caminho que até agora tenho trilhado, e que faço tenção de continuar a trilhar, diffundindo sciencia pelo povo, nas columnas da *Gazeta de Portugal*. Aos leitores vou eu aqui explicar este pequeno desvio apparente. Com effeito, se sempre tenho tentado iniciar o povo nas verdadeiras sciencias, parece-me que fazer a operação inversa não é desserviço. As lendas mythologicas do povo são os capitulos de um grande livro de sciencias occultas, que vive na tradicção oral, e que assim vae passando de geração a geração, atravez dos seculos, porque ás vezes nem as grandes revoluções sociaes podem obliterated as tradicções, que são a historia legendaria de um povo. Nas lendas populares ha pois uma sciencia occulta, symbolica e poetica, ás vezes rude e indecisa, mas sempre proveitosa e de boa lição. Se até hoje me tenho esforçado por elevar o povo ao nivel da verdadeira sciencia, deixem-me agora convidar os espiritos cultos a que se baixem até ao lar, até ao conversar intimo e amoravel na choupana, até ao viver e crer dos verdadeiros descendentes dos peões, que combateram no pendão de Affonso Henriques e do Lidador.

2.^a Demonstrada a utilidade de tornar conhecidas as nossas lendas, muitas das quaes vão-se perdendo fatal e irremedia-

velmente, porque as novas gerações são mais illustradas, ou antes, menos crendeiros; demonstrada essa utilidade, convinha começar. Abalancei-me á empreza. Foi um desafogo de espirito, depois de alguns estudos um pouco mais serios. Conheço agora por experiencia, que n'estas obras de litteratura ligeira, é necessário juntar aos esplendores das imagens e ao maravilhoso da acção, uma grande quantidade de bom senso, para não cair no ridiculo. Poucos individuos possuem como os srs. Herculano e Rebello da Silva estas qualidades, e eu de mim confesso, que difficilmente tornarei a peccar. Em todo o caso e para terminar, pedirei áquelles dos nossos litteratos, que não trazem agora entre mãos obras de maior vulto, das quaes todos havemos de auferir lucros e ganancias, que viagem pelas provincias do norte, berço da monarchia e das tradições legendarias, sempre poeticas e quasi sempre romanescas, posto que veladas castamente com o manto da superstição innocente. Hão de ganhar em saude, porque vão respirar bons ares, e a litteratura ha de ganhar tambem.

A lenda de Maria Pratas é quasi toda copiada *d'après nature*, os accessorios são pela maior parte verdadeiros, e creia o leitor que não exagerei o meu papel. Pintei o que vi. Aos *espiritos fortes* peço que desculpem o estratagemma do santo eremita, que novo Daniel, teve coragem de viver tanto tempo com um lobishomem e com uma feiticeira. Haverá muita gente, que trocára o logar do santo pelo do lobishomem, que no fim de contas, vivia vida regalada, não precisando do balão de Nadar para sulcar a amplidão, e tendo sempre ao pé de si uma linda feiticeira. Felicissimo! archi-felicissimo lobishomem! D'elle se pôde dizer: «Passou vida folgada e milagrosa».

E como esta nota vae tomando uns ares de folhetim semsabor, já aqui ponho ponto.

AS AZAS BRANCAS

(A Camillo Castello Branco)

I



empre o mesmo olhar doloroso! a mesma expressão de magoa, esse abandono, que é o tédio da vida! Como é que na flor dos annos, quando a existencia se purpurêa com todas as graças que se entrevêem apenas em sonho e se veste das alegrias que a rodeam, como uma creança enfeitando-se distrahida com as florinhas do horto, tu, bella, sentida, deixas reflectir pela transparencia de tua face pura um clarão pallido e incerto como de ago-

nias e desespero, como a phosphorecencia de um grande mar que se agita? Deante de ti sente-se uma pressão estranha, a mudez sagrada de uma grande floresta, um terror gélido, como na caverna de uma sybilla. Porque é que os teus vinte annos, as fórmas arrebatadoras do teu corpo de sylphide, que verga pela dôr, mais languido e gentil do que uma palmeira solita-

ria embalada nas bafagens mornas vindas da amplidão remota do deserto, como é que toda esta infancia que te cinge com uma auréola de encanto e attractivos me faz ter medo de ti, me prende a voz temerosa e anciada, que ouza ás vezes perguntar-te :

D'onde vieste ? Em que scismas ? Que véo te acena e chama de longe ? Porque te escondes dos olhos que choram de ver-te assim desolada, na consternação de uma angustia intraduzivel por palavras humanas ? Porque não falas, e nos contas o que soffres ? Porque te deixas ficar horas esquecidas com a mão firmada ao rosto, suspensa n'uma contemplação divina, irradiante, de um modo, que ninguem ouza dizer se és da terra, se és a incarnação de alguma essencia archangelica, que anda errante no mundo a sanctificar o amor no soffrimento ?

II

Ás vezes o teu semblante, onde se póde ler um enigma que se não traduz, tem a lividez da cêra, e a claridade que parece conter em si o jaspe. Então julgo ver em ti uma santa, uma penitente que acha em cada successo da vida uma tentação occulta nas apparencias mais risonhas, no folguedo mais descuidado e innocente, do mesmo modo que um áspide se esconde no alegrete das mais perfumadas flores ou o somno lethal na sombra da mancinella verdejante e copada, aberta ao sol, como uma escrava sustentando a umbella com que abriga do rigor das calmas a odalisca voluptuosa.

Os vinte annos são a alegria, a innocencia, a expansão ; ainda não viveste bastante para provar o travor amargo da vida, não sabes conhecer a tormenta que ha de vir pela nuvem que negreja, nem a bonança pelo santelmo, nem os parceis pelo reflexo da vaga marulhosa, nem o porto pelo perfume embalsamado da terra. Tu passas na vida como um meteoro luminoso que não procura aonde ha de ir cair, como uma creatura somnambula que não vacilla, não hesita diante do abysmo que transpõe, nem deixa possuir-se da attração irresistivel porque a não conhece. A vida é assim para ti ; passas descuidada do mundo, levada na ondulação saudosa d'essas vozes interiores que te segredam mysterios, mysterios que fazem sentir o desejo de voar para o alto, até perder-se no azul.

Os teus cabellos, quando os deixas cair destrançados sobre os hombros de marfim, levados pela brisa vespertina que vem confidenciar contigo á janella, que olha para o occidente, os

teus cabellos louros, extensos, são como as cordas de uma harpa, em que as imagens incoercíveis de teus pensamentos vem falar do céu, do amor, no frémito ligeiro, quasi imperceptível d'essa vibração que só tu comprehendes.

Consternada, e muda como uma estatua, a Niobe grega, o teu silencio tem uma sublimidade prophetica; parece guardar a impressão do sélo mais tremendo do Apocalypse, — a missão da mulher forte.

III

Quem sabe se é o amor que a leva assim para as solidões, como a pomba que vae esconder-se na rocha alpestre? O amor que esmalta a vida de harmonias e encantos, que acorda as virações para levarem longe o pollen fecundante, que abre o calyce das flores para as abelhas tocarem os nectarios delicados, que une o gemido do regato trepido com o ruido, brando que adormece, do canavial que orna as margens sinuosas? O amor é um abraço, a identificação; como podia divorcial-a com a vida, mudar a sua alegria n'uma tristeza que é como o presentimento do sepulchro? Aquelle segredo incommunicavel opprime, como a sphinge propondo o enigma.

Ella cada vez estava mais desfallecida, pendia de cansaço, offegava; mas procurava illudir os desvelos da familia com um vigor que não tinha, como succede ao naufrago quasi a afferar a terra, de que o refluxo da onda o afasta, e que hesita se deve lutar mais tempo, se deixar-se engolir nas voragens do oceano. Gravitaria ella em volta de um mundo, em que procurasse absorver-se, e a vida da terra, de cá, fosse como o refluxo que a impellia para longe? Pobre flor, que se debruça nas bordas da sepultura, será uma illusão tudo quanto a sua grande alma sente? Serão uma mentira todas as harmonias que se modulam lá dentro? O tapiz verde da relva fresca, lubrica, que a chama para vir doudejar ali n'um volteio férico, febril, esconder-lhe-ha o lodo de um charco estagnado que a ha de engolir para sempre?

Tenho medo de vel-a assim, com os olhos fitos no horisonte, n'essa morbidez do extasi; a vertigem póde impellil-a, e precipitar-se, como a borboleta prateada e indiscreta. A sua alma eleva-se para o céu; porque vóa tão cedo para cima a nevoa da madrugada, de uma alvura brilhante? A andorinha quando parte, vóa na aza da rajada hyberna que a empurra.

Mas o mundo acarinhou a sempre; porque se esconde e foge d'elle? Será a reminiscencia viva do foco de luz d'onde safu,

que lhe inspira tamanha anciedade, e lhe abre n'alma uma saudade tão viva, que mata? Às vezes está tranquilla, immovel, como quem ouve a toada de um concerto mavioso que embala e com que se adormece. Oh, quem ouzará despertal-a? Seria perturbar a crystalisação de uma gota de orvalho que se transforma n'uma perola. Outras vezes tem o olhar pavido, firme, como quem contempla e pasma ante uma visão immensa e augusta. Que apparição risonha virá fallar-lhe? Eros na solidão remota da noite? Será o desejo de vel-o, o desalento do impossivel, que a fazem reconcentrar assim n'essa dor? Uma lagrima era a gota do oleo aromatico da alampada escondida; em vez de fazel-o desaparecer, envolto na nuvem branca e etherea, a lagrima trazel-o-hia como um grande astro que leva apoz si myriades de planetas.

IV

A tarde estava amena, festiva, com o ultimo lampejo de graça que deixa pressentir já a melancholia do outono. Emma ergueu-se da meza; o rosto estava deslumbrante de transfiguração, possuida do sentimento do infinito, que lhe dava uma expressão nova, excelsa, que se não podia fitar. Parecia a *Seraphita*, elevada nas illuminações swedenborgianas, transpondo os precipicios icarios, inacessiveis dos *fjords* da Norwega.

N'aquella tarde parecia oppressa por uma agonia mais intima. Segui-a, queria admiral-a na altura a que se remontava, queria que me fizesse herdeiro do seu manto prophetico, no instante em que subisse no carro de fogo, como Elias. E ella era como a prophetisa do dezerto. Aproximei-me. Estava serena e placida, como quem se mergulhava no oceano da contemplação. De mais perto vi que dormia, com um somno hypnotico. Ficára-lhe um sorriso estampado nos labios; parecia o involucro de uma chrysalida mysteriosa; a borboleta voára para a luz, abandonára-o na terra.

Tinha então um livro sobre o seu regaço; a mão inerte repousava sobre a pagina. Um leve signal notava uma phrase profunda em que a sua alma se absorvéra: «*Um anjo está presente a um outro, quando elle o deseja.*»

Procurei ver de quem era o livro. Era escripto por Swedenborg, o patriarcha dos videntes do norte, o que levou mais longe as relações com o mundo invisivel. O livro intitulava-se: *A sabedoria angelica da omnipotencia, omnisciencia, omniprezensa dos que gosam a eternidade, a immensidade de Deos.*

Emma acordou de subito. Senti um estremeamento de terror, começava a comprehender a sua solidão. Eu mesmo tinha estudado a *segunda vista*, colligido os phenomenos que se passavam no meu espirito, conseguira por uma excitação nervosa perenne a hypnotisação voluntaria.

V

Tambem no livro de *Varietate rerum* descreve Jeronymo Cardan a faculdade que tinha de experimentar o extasis espontaneo, e de tornar objectivas as imagens creadas na sua mente: «Quando eu *quero*, vejo o que me apraz, e isto não só com o espirito, mas com os olhos, como essas imagens que eu via na minha infancia. Mas agora creio que ellas são o resultado de minhas occupaões. É certo que nem sempre tenho esta faculdade, comtudo não a tenho senão quando quero. As imagens que eu vejo estão sempre em movimento; é assim que eu vejo as florestas, os animaes, os diversos paizes e tudo quanto eu quero vêr. Creio que a causa de todos estes effeitos está na actividade da minha imaginação e n'uma vista penetrantissima. Desde a minha infancia tinha de commum com Tiberio Cesar o poder vêr na obscuridade mais profunda, como em pleno dia. Porém não conservei muito tempo esta faculdade. Apesar d'isso vejo ainda alguma cousa; posto que não posso distinguir bem o que vejo; e attribuo este effeito ao calor do cerebro, á subtiliza dos espiritos vitaes, á substancia do olho, e á energia da imaginação.» (Lib. IV c. 43.)

É esta uma qualidade vulgarissima nos povos do norte, principalmente os insulares, conhecida sob a denominação de *Second sight*. Ahi a imaginação tendo pouca novidade de paizagem que a fecunde, volta sobre si o que ha edificado e exagera-lhe as proporções. Por isso as theogonias do norte são terriveis. As avalanches suspensas a precipitarem-se, os nevoeiros diffundidos por toda a parte como um sudario immenso e frio, a aurora dos polos a desdobrar-se esplendida, tudo faz sonhar de um mundo phantastico, escutar essas toadas vagas, indefiniveis dos espiritos que se annunciam pelo ressoar de uma harpa longinqua. O dom da visão é commum; é assim na ilha de Ferroë. Que virgens se não ostentam n'uma apparição repentina, e que o vidente procura sem nunca mais poder encontralas! Balzac, o observador profundo do coração, sentiu toda a poesia do norte no poema de *Seraphita*; é um mysterio, o enlace da philosophia e da poesia, um extasis indecifavel de Sweden-

borg, contemplado nas *fiords* da Noruega. O delirio de *Seraphita* é o problema incessante da percepção immediata; o seu amor é mais puro que o ideal de Dyotima, é elle que lhe dá a *segunda vista*.

Taishatrim e *Phissichin* são os nomes que em lingua gaëlica se dão aos que tem esta faculdade. Os factos observados são immensos, o seu estudo é de nossos dias. Kant combateu a doutrina visionaria de Swedenborg, mas não attendeu que este phenomeno psychico era todo sentimental; viu no patriarcha dos videntes do norte um impostor. A vida exemplarissima de Swedenborg é um desmentido completo e irretorquível aos argumentos d'esta ordem.

Como explicar esta inspiração continua, a *segunda vista*? A alma paira entre dois mundos — o physico com que se relaciona pelos sentimentos, o espiritual com que se relaciona pelos presentimentos; se é attrahida para o mundo dos corpos, predominam n'ella os instinctos, e as sensações, todas relativas, só lhe advem pela presença dos objectos; se a alma por um desejo vehemente se eleva do estado de *anima* ao de *spiritus*, os sentimentos desprendem-se do nexa das relações terrestres, e conhecem tudo independente das sensações. É o que acontece aos poetas, cantando a belleza de fórmias não sonhadas, a reminiscencia de harmonias não ouvidas.

VI

Emma estava n'aquella tarde tão meiga! tinha como a consciencia de ir em breve completar-se na essencia de algum anjo. As suas falas eram como suspiros. Lançou-me um olhar interrogativo, como quem temia fazer-me uma pergunta indiscreta, e receiava. Eu desconhecia-lhe aquella affabilidade de seraphim; eu, costumado a vel-a sempre suspensa, no abandono do mundo, radiante como na transfiguração do Thabor. Aperfei as mãos d'ella entre as minhas, queria tirar um som d'este instrumento celeste, cujo segredo de harmonia era só conhecido pelos anjos. Se podesse desferil-o, havia perguntar-lhe a causa de tanta tristeza, a intensidade d'essa dôr tão intima, tão espiritual, que se não pôde dizer na materialidade phonica da palavra. Ella adivinhou o meu desejo.

— Tens uma *vontade* energica? — perguntou-me quasi a medo e de um modo sybillino. Seria uma phrase abrupta para qualquer e inintelligivel até; eu porém que devo á actividade só d'esta faculdade tudo quanto sou, as grandes dores, os im-

pulsos irresistiveis, as glorias, a realisação dos mais exiguos caprichos, que a encontro na intensidade absoluta, que é Deus, que a vêjo nos grandes factos do espirito a Religião, o Direito e a Arte; na religião manifestando-se exclusivamente na fé; no direito, no accordo das vontades individuaes; na arte, no ponto onde ellas diversissimas se harmonisam, isto é o bello; eu, digo, comprehendí aquella interrogação na sua plenitude. E começava a conhecer mais a força da *vontade*, porque acabava de observar o resultado do acto em que a exercêra.

Emma fitou-me com um olhar profundo; o semblante era magestoso e santo, como o frontespicio de uma cathedral da idade media; as flexas, as linhas architectonicas a infinitivarem-se para o alto eram os seus cabellos; o olhar, o olhar que me opprimia n'esse instante era mysterioso como uma ogiva sombria. Tive medo, como um neophyto, que ouve mugir a caverna, e escoar-se a brisa gelida e olorante pela fenda do penhasco, e quasi que cae em terra sem sentidos, ao vêr attonito as convulsões do hierophante. Emma perguntou-me se eu cria nas relações com o mundo invisivel. Hesitei um instante depois volvi:

— Creio, mas não as sei demonstrar, por uma formula, que, embora refutavel, tenha valor philosophico. — Ella ouviu-me com o pezar e serenidade de uma joven esposa na sua viuvez, que ouve o filhinho a perguntar-lhe pelo pae. Depois murmurou, encostando a face sobre o meu peito:

— És tão novo ainda, e porque matas em ti já o sentimento pela reflexão? A reflexão é fria, e da terra, não comprehende sem decompôr para recompôr. Como se ha de ella elevar ao simples, ao absoluto, se o seu attributo supremo é a indivisibilidade? A luz, que é incoercivel, não se espelha na face quieta do lago? O sentimento é assim; só elle te pôde levar adiante das relações e das contingencias. A substancia é unica; esta essencia d'ella é que prende pela unidade a multiplicidade dos attributos. Todas as vezes que te absorveres na unidade que te allia como attributo ou modo á substancia, entraste na essencia de todas as cousas, porque o simples que actua n'esse momento em ti, é o mesmo em tudo que existe.

Ella continuou com palavras quasi imperceptiveis. Estava em extasi, no extasi da abstracção, como o sentia Newton, quando determinava a essencia de uma ordem de factos complexos, na lei que havia ficar eterna, e a que havia imprimir o seu nome. Eu tinha vontade de lançar-me por terra, diante d'aquelle espirito incomprehensivel; precipitava-me se ella me dissesse como

satanaz quando arrebatou Jesus ao pinaculo do templo — *haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.*

VII

Quando Emma saiu da sua mudez sublime, encostou-se sobre meus hombros com uma graça infantil :

— Ainda não sabes porque ando triste ? Olha, uma tarde, puz-me a escutar o murmurio de um regato ; parecia-me ser uma musica interior. Tive vontade de saber o que dizia, de confidenciar com elle, de communicar minha alma, que anceava n'uma sêde de amor. Ao trepidar mavioso da vêa crystallina, scismava, devanejava, enleuada, embevecida. Adormeci. Pareceu-me então aquelle cicio, como de azas de um cherubim, que baixasse a meu lado ; via a claridade da alvura de suas roupagens longas, estava silencioso ao pé de mim. Tinha a expressão da serenidade augusta, uma apparencia que consolava. Acordei, e o mundo parecia-me um desterro, a vida era um carcere, tinha uma ancia de voar, de fugir, um desejo irrepresivel de tornar a vêr o semblante risonho d'aquelle que me veio mostrar o mundo intransitavel para a vida, como sarça espinhosa. Outra vez, appareceu-me, brilhante como Jehová na sarça ardente. Era sempre silencioso. O amor emmudecia-me diante d'elle, quiz segui-o na visão que se esvaecia lentamente, mas o corpo estava prezo aos limos da terra, como o cordeiro que se prende nas urzes do matagal. A ancia do extremo esforço despertou-me. Foi assim que nasceu esta tristeza profunda, gerada diante do impossivel. Mais tarde conheci o mysterio da *vontade* ; isolei-a em mim, para revocar o anjo dos meus sonhos a realidade de um instante. Quasi que me abrazava na intensidade do querer. O anjo appareceu-me mais triste. Perguntei-lhe se amava ? Sorriu-se. Que era preciso para completar uma mesma essencia ? o sorriso converteu-se em uma alegria douda, e disse-me em segredo — vóa da terra. Nunca mais tornou a visitar-me no desolamento em que vivo. A vida assim é o vegetar do lichen na humidade das lagrimas derramadas de hora em hora. Porque não hei de voar da terra ?

VIII

Ouviu-se trindades n'este instante ; cerrava-se a noite, fria ; o luar vinha saudoso. Emma pediu-me para deixal-a só. Por alta noite via-se a luz derramar-se pela vidraça do seu quarto,

luz viva, silenciosa, veladora, como do philosopho hermetico surprehendendo a natureza em algum dos seus segredos mais reconditos.

Emma lia no seu livro predilecto, que eu achára aberto sobre o regaço. Pouco depois começára a alvorada. Quando o silencio era mais solemne e a natureza inteira parecia reconcentrar-se em seus mysterios, sentiu-se em casa um estrondo surdo, como o baque de um corpo morto, depois o bracejar, como quem se debatia nas vascas da agonia. Ergueram-se á pressa, foram apoz o ecco. Era no quarto de Emma. Seria algum pezadello longo? A porta cedeu á promptidão do soccorro. Foram achal-a em terra, morta, a pouca distancia do fogão, que saturava o ar ambiente de exhalações carbonicas. O corpo já estava frio; o rosto tinha a palidez do sepulchro. A pouca distancia d'ella estava aberto o livro fatal das exagerações mysticas de Swedenborg.

Lia-se esta phrase profunda:

«A innocencia dos céos produz uma tal impressão na alma, que os que são affectados d'ella guardam um transporte que lhe dura toda a vida, como eu mesmo experimentei. Basta talvez ter uma minima percepção d'ella para ser para sempre mudado, para querer ir aos céos e entrar assim na esphera da Esperança.»

Seguiam-se outras palavras. Tive medo de ler mais, porque começava tambem a sentir a seducção do suicidio.

THEOPHILO BRAGA.

Post-scriptum — Será o que acabo de contar um capricho da imaginação, ou uma realidade? Não sei. Teria eu tambem a *segunda vista* quando tracei estas linhas que hoje vejo confirmadas no n.º 1397 do *Diario Mercantil* do Porto, anno v, de 1864, do seguinte modo:

«**Suicidio** — (Do *Progresso e Ordem*). Uma interessante senhora, filha do sr. Manoel de Sá Costa Guimarães, honrado proprietario, poz termo á sua vida asphyxiando-se por meio dos gazes produzidos pela combustão do carvão, que tinha no seu quarto n'um fogareiro.

«Foi hontem de manhã que o sr. Manoel de Sá, notando que

sua filha não apparecesse á hora costumada chamou-a, e estranhou que o quarto d'ella estivesse fechado por dentro.

«Chamou segunda e terceira vez, e temendo algum accidente, temor que era desgraçadamente bem fundado, arromba a porta ajudado de um creado e viu sua filha sentada n'uma cadeira e tendo diante de si uma carta. Cobria-lhe o rosto a palidez cadaverica, mas seus labios entre-abertos pareciam respirar ainda o ar puro que entrava pela porta aberta.

«O sr. Manoel de Sá caiu por terra, o que teve por causa o presentimento de que era já impossivel salvar sua filha.

«O creado correu a chamar algumas outras pessoas que havia em casa e em seguida um facultativo.

«Chegado este declarou que a filha do sr. Manoel de Sá estava morta havia já algumas horas e que havia mister occultar a desgraça ao pae em quanto durasse o abatimento em que elle se achava.

A carta da suicida tem apenas quatro palavras segundo nos contaram. Essas palavras encerram em si um poema mystico, e como tal mysteriosissimo. São:

«— Adeos. Adeos. *Amelia.*»

«Uma traducção franceza de um livro de Swedenborg achado no quarto da suicida fundamenta a conjectura de que a leitura de obras d'esse genero tivesse tal influencia no espirito d'aquella senhora que a levasse a um tão triste fim.

«Eis quaes são os resultados de doutrinas d'esses que pertencendo que um ascetismo exaltado põe o homem em communição com o mundo invisivel, se perdem em extravagancias proprias para confundirem espiritos fracos.»

Estas considerações finaes pertencem ao localista, com certeza tambem honrado pae de familias; por isso se julga com a mesma força de Kant para atacar o genio mais incomprehen-sivel dos tempos modernos.

CARTAS OSCURAS

A Ernesto Biester

AMIGO E CONFRADE



ue penso eu da critica entre nós? Penso que não existe. Ricos de poetas, de dramaturgos, de romancistas, de escriptores em todos os generos, somos comtudo pobrissimos de censores. Aqui e ali impertiga-se por momentos um Aristarco lilliputiano, tropeveja, barafusta, enrrouquece e blasphema, enfia auctores como contas de um roزاری, acaba esfalfado mas radiante, e esponjando depois a cabeça, exclama com um ar de satisfação suprema: — «Ahi tendes critica.» *Improbus labor.*

Mas que questões se debateram? que principios se proclamaram? que verdades se estatuiram? em que aproveitou a litteratura? Creio que a resposta está na consciencia de todos. A critica reduziu-se apenas a uma enxertia de logares communs, muitas vezes sem propriedade, e quasi todas sem alcance.

O que é um critico? — É um homem dotado, principalmente, d'esse bom senso litterario que se chama *o gosto*, educado na lição dos bons modelos, e iniciado nos segredos da arte. O que o poeta escreveu muitas vezes inscientemente, as bellezas que lhe saíram expontaneas e não calculadas, deve o critico indicalas e desenvolve-las, tirar-lhes todo o sentido occulto, buscar-lhes toda a philosophia latente.

É o que ha 500 annos estamos vendõ com a *Divina Comedia*. O poeta arremessou ao vento, como a sybilla, as suas folhas divinas, e os commentadores tressuam para decifrar os oraculos.

O preceito de Horacio:

Scribendi recte sapere est et principium et fons, entende-se, principalmente, com os criticos. E cumprirão elles o preceito? Creio que me é licito duvidar.

*Quem nunca viu o portico de Athenas,
Sequer em caixas opticas pintado;*

como dizia chistosamente o nosso Garção, ou, como eu direi pela minha parte, quem ignora todas as noções da arte, quem não possui o sentimento, a intuição do bello, quem carece d'essa logica natural que deduz de um facto muitos factos, de uma belleza muitas bellezas, e que vai assim, de corollario em corollario, até medir a extensão, a força viva de uma intelligencia, quem não póde, sobre o livro de um escriptor, tirar o horoscopo de muitos livros, esse tal será tudo quanto quizerem, menos critico.

Quando mr. de l'Éguille descobria no corso Buonaparte o germen do grande Napoleão, é porque julgava com a mesma presciencia clara e vasta com que Chateaubriand dizia ao moço Victor Hugo: « *Vous venez, monsieur, et je m'en vais. Je me recommande au souvenir de votre muse.* »

Creio que não exagero, concebendo é definindo d'este modo a critica. Sempre a considerarei como o tribunal supremo, diante do qual se assenta o mundo inteiro a escutar-lhe o juizo venerando,

O que é, de facto, a posteridade? — É a critica de amanhã. O genio, como o Homem-Deus, passa muitas vezes sem que o mundo o conheça, e vai por fim, cansado e morto, abater o vôo no tumulto solitario. O critico chega e insufla o cadaver. Levanta-te Lazaro! E o poeta levanta-se, caminha, e vai collocar-se no pedestal que lhe compete. É a historia de Chatterton.

Ha um vicio capital na maioria das criticas, vicio que se resume na pequenez insignificante de muitos reparos que suscita. A critica deve ser rasgada e franca, e não acanhada e myope. Contemplar a obra do artista, animada pelo fogo sagrado da inspiração, para lhe apontar uma leve macula, e para lhe babar em cima, é fazer como o miseravel que regatêa e rejeita um vinthem falhado que descobriu entre montões de contos de réis.

Dizei mal do diamante porque tem terra, da perola porque traz lodo, da flor porque tem espinhos, do sol porque tem manchas, do amor porque tem angustias, e deixai-me enthusiasmar loucamente, applaudir phreneticamente, admirar brutalmente. *J'admire comme une brute.*

Os censores armam-se, pela maior parte, de microscopios, e observam os infusorios; eu quero ver a olho nu, porque os não distingo. Eu proclamo o erro, talvez; elles procuram a verdade, deixal-os. Quando Mevius acaba de apedrejar Virgilio, chega-se o Dante e adora-o.

*O degli altri poeti onore e lume,
Vagliami'l lungo studio e'l grande amore
Che m'han fatto cercar lo tuo volume.*

*Tu se'lo mio maestro e'l mio autore:
Tu se'solo colui da cu'io tolsi
Lo bello stile che m'ha fatto onore.*

O homem do *Inferno* é um idolotra blasphemo, Mevius um critico sagaz.

Non ego paucis, escrevia uma vez Horacio; a razão poetica veiu beliscal-o na consciencia, e oito versos depois traçava elle o famoso *quandoque bonus*. V. Hugo fez d'este verso um ferro em braza e marcou Horacio na face. Que prova isso? — nada. É a 93 litteraria fustigando o seculo de Augusto.

O fim da critica, repito, deve ser descobrir e apontar no escriptor, no poeta, no artista, em fim, o sentimento predominante, a feição caracteristica, a indole, o genio; acompanhalo nas diversas evoluções, estudar-lhe o caminhar constante, e levantar depois o grande mappa d'estas peregrinações do espirito, peregrinações que em cada qual tem o seu fim distincto e marcado, mas que se fazem sempre, ora atravessando varzeas deliciosissimas, ora caindo em barrocaes tremendos.

Esta critica profunda e philosophica é a que Taine represen-

ta em França, a despeito de todos os ataques de Sainte-Beuve e de Gustave Planche.

Apparece um poema; a critica examina-o e julga-o. Em que consiste o oraculo? Aqui tres versos frouxos, além dois asperos, mais ao longe o hyatus, depois a cesura, depois a rima, depois o como deveria ter feito, depois o porque não fez d'esse modo, e nada de indicar o que o livro representa, nem de inferir racionalmente o que o poeta ha de ser, ou pelo menos, aquillo a que visa, segundo o pendor do seu talento. A primeira manifestação do homem é sempre, em regra, o reflexo das suas manifestações futuras. *Ab unguibus leo*. Hercules já no berço estrangulava serpentes; Napoleão era general em Brienne.

Quando o critico recebe em suas mãos a obra do artista, é como o velho Simeão tomando em seus braços o Christo. As palavras do vidente devem sair-lhe dos labios, e o futuro desenrollar-se visivel e completo. O que o propheta fazia pela inspiração divina, deve o critico fazel-o pelo alcance da razão esclarecida.

É por todas estas considerações, meu caro Biester, que eu principiei dizendo-lhe que não existe critica entre nós. Os poucos que poderiam fazel-a, segundo a entendo, esses andam por ahi arrastados, como Heitor, á roda dos muros da patria que defendem com as suas trabucadas politicas.

Houve um homem entre nós, que, pela lucidez da sua razão, pela finura do seu gosto, e, ultimamente, pela crescente copia dos seus conhecimentos, deveria preencher esta lacuna, se a mais fatal de todas as calamidades o não viesse annullar para sempre. Fallo de Lopes de Mendonça.

A mordacidade ociosa e perversa entreteve-se em diffamar este bello talento, em apodar quanto d'elle emanava, em perder, digamol-o francamente, em perder aquelle moço esclarecido; mas a justiça deve levantar hoje a voz, e dizer ao paiz, que, Lopes de Mendonça era um dos mais atilados dos seus filhos.

Não me cega a paixão da parcialidade; no que digo transparece apenas a consciencia. Quando Lopes de Mendonça desapareceu do mundo, foi então que eu comecei a entrar n'elle. Nunca nos conhecemos nem fallámos, não advogo uma causa de compadrado; quero simplesmente, sem me arrogar direitos que me não competem, recordar que nas obras criticas de Lopes de Mendonça revela-se o bom senso e o gosto, como em todas as demais se patenteam os dotes de um escriptor privilegiado.

É bom não nos esquecermos do passado. Acima d'esse merecimento que por ahí phantasiámos em muitos, merecimento que se eleva entre os vapores de um *grog* e as interjeições de uns parvos, ha o valor real dos que nos legaram, não bons ditos, não sarcasmos, não discursos no Gremio, não arrazoados no Martinho, mas livros, mas trabalhos, mas monumentos, mas filhos do seu lavor pertinaz ou da sua imaginação fecunda. ¹

Não queira Deus que me tomem em má parte estas palavras innocentes; fallando de critica entre nós veiu naturalmente o fallar em Lopes de Mendonça, e d'ahi, lamentar o quanto mal se comprehendeu e avaliou a claresa d'aquelle espirito.

Findo por agora, meu caro Biester, pedindo-lhe muitas e muitas indulgencias para todas estas futilidades com que o importunei. Sou cada vez mais seu admirador e amigo, etc.

Outubro de 1864.

E. A. VIDAL.

¹ D'entre todos os escriptores da geração moderna, os que hoje revelam mais decididas tendências para o genero, e parece deverem ser um dia os nossos verdadeiros criticos litterarios, são, incontestavelmente, os srs. M. Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão.

CHRONICA DO MEZ



ão houve novidades este mez, e não fizeram falta porque não haveria sido possível dar-lhes attenção; — Lisboa tem estado a tomar tisanas e chá de flôr de sabugo.

Anda toda a gente constipada, a tossir e a grazinar. Se o meu charo leitor fizer dez visitas, tem a certeza de que nove creadas lhe hão de dizer:

— A senhora não está visível; o medico deu ordem de não deixar entrar ninguem.

Ou nove creados:

— O senhor está recolhido; tomou hontem um suadoiro, e hoje acha-se debilitado, com muita tosse e a voz tomada.

Os cirurgiões e os boticarios não teem mãos a medir; rheumatismos agudos, defluxos, bronchites, erysipélas; mil entretimentos perfidos!

Os cantores, não se sabe como, teem escapado d'esta enfermidade geral, e apenas o baritono Storti-Gagi, que a empresa despediu já, se apresentou nos *Foscari* tão constipado como qualquer espectador.

Ha operas de quesilia; boa musica, bom *libretto*, tudo quanto quizerem, mas de quesilia: os *Foscari* estão n'este caso; dizem que é uma excellente *partitura*, — mas cae sempre; é excellente .. para cair. Eu, para lhes dizer o que sinto, detesto-a, é-me antipathica, quero-lhe mal; apenas a *stretta* do *trio* e a aria final do baritono me parecem de bom effeito dramatico; tudo mais se passa a gritar; a parte da dama é uma berraria: canto verdadeiramente só o tem na cavatina, cujo effeito aliás está todo no allegro; o resto fica sufocado pela orchestra, se ella não largar os pulmões até perigo de vida. Estreou-se n'esta parte a sr.^a Bianchi, cantora moça, formosa, e de voz extensa e sã; o tenor Tombesi cantou alguns trechos bem, outros mal; o baritono Storti-Gagi cantou mal do principio até ao fim, o que é muito mais regular, e fez do Foscari um velho lamurioso, sem saber que elle era um d'esses caracteres grandiosos que exercem sobre si proprios o maior imperio, segundo a historia nol-o apresenta; os coros foram muito bem executados, e o publico não fazendo reparo em tal cometteu uma falta de justiça que eu tento remedear até onde chego.

Deu-se a *Traviata*, com o baritono Squarcia na segunda recita, depois de se haver dado com o baritono Storti Gagi, que de Foscari passou a defuncto por uma vez. Quem é obrigado a ser mau baritono? Pois uma pessoa não póde passar sem isso? É tão facil não ser bom baritono, como mesmo não ser baritono bom nem mau! Para que se metteu aquelle imprudente em semelhante teima?

A *Traviata* não é a melhor opera de Verdi, mas a parte de Violeta vae realmente bem á voz e á galanteria de madame Volpini, que é essencialmente uma creatura juvenil e simpathica. Com quanto possuia talento dramatico e dê provas d'isso, a joven cantora não tem todavia a mascara da muza tragica, não tem nos olhos o relampago do imperio, não tem collo que sustenha orgulhosamente a frente como a frente sustem a corôa; é rapariga, é gallante, é graciosa; fica-lhe bem o vestido de baile, é bonita no primeiro acto da *Traviata*, alegre, *coquette*, ebria de louvores, e entôa a canção do prazer, a canção da festa e da folia, com uma seducção a que se não resiste; é commovente em todo o resto da opera, conservando-se artista intelligente no ultimo acto em que exala o amor e a vida n'um suspiro melodioso. O publico applaude com justiça madame Volpini; é um gentil talento e uma artista utilissima á empreza. — Tombesi é um Armand Duval, que nem pintado para o personagem; perfeitamente um *pauvre sire*, um lindo amante de novella, um trovador de relógio de mesa, ... com algumas nottãs boas. — Squarcia auxiliou em muito o exito da opera, e deu-nos duas alegrias, não ouvirmos Storti-Gagi, e ouvirmol-o a elle!

Depois da doença que o conservou afastado da scena durante muitas recitas, Mongini, reapareceu na *Lucia de Lamermoor*. Que velhissima opera, e que opera eternamente nova! Digam-me se depois da *Norma* e da *Somnambula* conhecem musica mais pathetica do que a da *Lucia*? Donizetti não seria um innovador, mas foi de certo o compositor mais inspiradamente fecundo da Italia, grande no pranto, grande no sorriso, poeta da *Anna Bolena* e do *Elixir d'amor*! Mongini n'esta opera, bem sabem que enthusiasmo produziu a época passada; este anno renovaram-se os triumphos e elle soube merecel-os como das outras vezes. — Madame Volpini reuniu na parte de Lucia as qualidades do canto lyrico e do canto de ornato; executa as difficuldades com uma presteza brilhante que lhes dá ares de faceis; é o canto de uma namorada, é o trinar de um passarinho, é a ingenuidade, o sorrir gracioso, os lindos olhos humidos de melancolia, que Donizetti, Walter Scott, e Cámerano, sonharam em Lucia! — Squarcia tem momentos excellentes, e, no duetto com Mongini, dir-se-hia que se estabelecêra entre estes dois artistas e o publico uma especie de cadeia electrica, e que cada commoção por que elles passavam tinha écco na platéa!

A doença do divino tenor vae felizmente desamparando-o já; é, como sabem, uma enfermidade caprichosa, que o opprime sempre nos primeiros tempos da sua chegada a Lisboa, ás vezes parecendo divertir-se com elle, porque lhe dá excellente voz de dia, deixa-o dizer á empreza que o annuncie para a recita da noite, e depois traiçoa-o quando chega a hora. É uma diabrura fantastica e singular, semelhante á historia de Bettina no conto do *Sanctus* de Hoffmann. Mongini deve ter curtido exasperações supremas. A que influencia maligna, a que mau olhado, a que encanto cabalístico poderá attribuir-se essa rouquidão subita que lhe opprime a garganta quando menos se espera? Nas primeiras recitas da *Favorita* foi sublime no primeiro acto, e no quarto acto estava já perdido. Ó sortilegio! Ultimamente, porém, nem o clima poude resistir áquella voz prodigiosa, e em vez de vencer o tenor foi o tenor que venceu o clima. Já canta superiormente as operas do principio ao fim, e á proporção que elle toma novo folego... vae-o tambem tomando a empreza e o publico!

A empreza de S. Carlos cedeu generosamente o theatro para uma recita extraordinaria promovida na intenção de levantar no sallão do theatro normal os bustos de Almeida Garrett e de Epifaneo. Não ficou vago um só logar, e a commissão que emprenheu este spectaculo viu coroados os seus nobres exforços com o melhor exito de concorrência e de applausos. Todos os artistas concorreram gratuitamente a auxiliar a festa, e Arthur Napoleão, que foi verdadeira-

mente o heroe da noite, executou tres peças ao piano, fazendo-se ouvir pela primeira vez do nosso publico, que o victoriou com a dupla estima devida a um irmão e a um grande artista.

O piano n'aquella noite rejuvenesceu sensivelmente. Apagou-se o fastio, quebrou-se o mau feitiço que nos sensaborisava a todos ao avistarmos um teclado, um pedal, e um banquinho. O exercito instrumental sobressaltou-se no seu mais copioso batalhão, o batalhão dos pianistas! Que trabalho não tem sido preciso áquelle moço de vinte e um annos para chegar a ser o admiravel *virtuose*, tão festejado em S. Carlos n'essa recita! Que de tempo empregado laboriosamente em licções successivas, que estudo constante na idade ainda em que as outras creanças corriam nos jardins, brincavam nos baloiços, faziam manobrar os regimentos de soldados de chumbo, e passavam horas nos passeios divertindo-se em atirar com a pella de uns a outros! Quanta fadiga para um, até conseguir deliciar pela sua aptidão o espirito dos outros, — dos que não pensam n'isso, nem lhe apreciam o heroismo, e continuam a considerar os artistas como uns preguiçosos amáveis, fazendo idéa de Rossini, por exemplo, estirado todo o dia ao sol, ou a comer maccaroni com parmeseão, n'uma occiosidade que o deixou produzir tres operas por anno, e lhe permite tal indisposição contra o queijo que não pôde sequer sentir-lhe o cheiro!

Os pianistas teem esgotado tanto os recursos do apparatus na arte, que hoje está-se desconfiado sempre das maravilhas dos *virtuosos*. De que impostura, de que artimanha não se têm servido mil vezes esses *puffistas*, prestigidores da musica! Já houve um, e dos mais famosos, que pagava mulheres á razão de libra por concerto para fingirem que desmaiavam de enthusiasmo no melhor de uma fantasia executada n'um movimento tão rapido que seria humanamente impossivel terminal-a. O pianista abandonava precipitadamente o piano para voar a socorrer a dama do deliquio, e toda a gente se persuadia que se não fôra esse lamentavel incidente o prodigioso artista haveria levado ao fim o maior dos milagres. Uma occasião, uma das mulheres compradas para desmaiar adormeceu; o pianista, que contava com ella, achou-se n'um tal apuro, que, á falta de melhor expediente, e não podendo continuar no mesmo movimento impossivel,... desmaiou elle.

Arthur Napoleão, porém, natureza extremamente nervosa e de uma sensibilidade que toca os delirios e os extases da paixão, vence todas as difficuldades mechanicas da execução, e a sua alma poetica, devaneadora, caprichosa, brilhante, febril, esteve a ponto de conseguir na noite de 21, sem recorrer ás artimanhas dos *puffistas*, fazer desmaiar as senhoras, que todas applaudiram com a commoção do

*

olhar, tão eloquentemente como os homens com os bravos, palmas, e chamadas que o festejaram.

Na noite immediata, 22, cantou-se pela primeira vez a *Martha*, de Flotow. Que frescura nos motivos, que tom original, que poetico clorido na maneira graciosa, popular, ora alegre ora melancholica d'aquelle estillo, que tem o segredo de ser melodico e espirituoso. Tudo é simples n'esta musica, tudo é limpido, transparente, de natural desenho, de uma elegancia que se não desmente, e, ao que dizem os entendedores, de grande perfeição de fórma.

Esta opera que marca uma revolução na arte allemã, é escripta quasi no genero francez. Adivinha-se algumas vezes por um certo sentimento grave, austero, triste, que ha no fundo d'aquella musica a alma de um allemão; é um sorriso que encontra uma lagrima; a melancholia a cobrir-se com um veu. O romance de *Martha* no segundo acto é uma melodia tão elegantemente elegiaca e tão sincera e naturalmente poetica, que parece quando a gente a ouve ser a nossa alma que a está compondo. Flotow sentiu de certo a mesma sympathia por esse adoravel trecho, pois que o adoptou para a sua opera e o deu á protogonista, sendo esse romance a balada ingleza *The last rose of summer* composta por David Riccio o famoso amante de Maria Stuart.

Demoremo-nos um instante com o auctor d'esse romance da *ultima rosa de verão*, que o publico tanto tem applaudido estas noites a madame Volpini.

Atravez dos odios que Riccio inspirava á Inglaterra, por ser italiano e por ser catholico, Maria Stuart apaixonou-se por elle no tempo em que não era mais que mestre de musica, e apaixonou-se a ponto de não avistar a nuvem de maldições e iras que se formava em redor d'ella. Foi uma epocha de devastação e vergonha; Maria Stuart caiu no desprezo da nação e no odio da nobreza; foi o periodo da sua mocidade, das suas paixões e desventuras. O piemontez Riccio era, ao que dizem os historiadores, um rapaz agradavel, cheio de talento e de espirito, mas era uma criança. A rainha fel-o seu secretario. Citam-se de Randolf estas palavras, nos Archivos do Estado: «David Riccio faz aqui quanto quer. É o unico amigo da rainha, e o predilecto do seu coração. É seu conselheiro e seu ministro. O que por ahi se diz é incrivel. Ninguem suppõe os boatos que já correm. Está tudo entregue a Maria de Guise, Darnley, e Riccio: uma mulher namorada, um ambicioso, e uma criança. Que esperanza e futuro de governo!» Cada vez mais poderoso na côrte, cada vez mais amado por Maria, Riccio deixa de ser um rapaz modesto e entra a dar-se ares de senhor. Tem cavallos, pagens, e um viver de fidalgo. O povo rosna e grita. Não subindo as mal-

dições. Riccio então, no centro d'isso tudo, recosta a cabeça sobre o collo da rainha, e canta-lhe entre dois beijos a sua ballada da *Ultima rosa de verão*. Uma noite, porém, cento e cincoenta homens armados cercaram o palacio de Holyrood. Darnley subiu sósinho uma escada particular que conduzia ao quarto de Maria, levantou o reposteiro de um gabinete onde a rainha estava ceiando com Riccio, Beaton, e a condessa d'Argyla, sentou-se ao lado de sua mulher, passou um braço em redor da cintura de Maria e disse-lhe mil meiguices. Então, viu-se novamente erguer o reposteiro, e passar um espectro livido coberto com uma armadura de aço. — «A tí, Riccio!» lhe disse. N'esse momento os conjurados precipitaram-se no quarto, Riccio abraçou-se á rainha escondendo-se nas largas dobras do seu vestido, Maria implorou debalde os assassinos, a mesa e as luzes foram pelo ar, e Riccio arrastado até á entrada do quarto, ferido por cincoenta e cinco punhaladas, e levando cravado ao meio do peito o punhal do rei, ficou abandonado no chão n'um mar de sangue. Ao motim dos gritos que se deram no palacio, o povo correu ás portas de Holyrood. O rei appareceu e disse ao preoste: Não ha novidade. É a rainha e eu que nos estamos a divertir!

A execução da *Martha* este anno foi compromettida pela parte do baritono, — um baritono novo; *uno altero Scipione!* — o sr. Marinosi, que o Porto teve durante tres annos a crueldade de applaudir... para nos armar a pirraça de cá o termos. A sua voz é desagradavel, e a sua presença *idem*: desde que o viu, o publico esteve sempre a dizer-lhe como na *Clara de Rosemberg*: «*Chel antipathica è vostra figura!*» A differença é que lhe disse isto com os pés! — Mongini canta a sua parte com muita alma, muito colorido, e *muita voz*. — Madame Volpini é talvez hespanhola demais para Martha; Martha é uma d'aquellas loiras e vagas aparições do norte, uma visão d'Ossian; na feira, madame Volpini é criada e aldeã de mais; Martha é uma *lady*. Em todo o caso, o romance da rosa, canta-o na perfeição.

Prepara-se o *Othello*, e a *Vestale* de Mercadante para Madame Borghi-Mamo, *la diva* da estação, que prosegue de triumpho em triumpho nas recitas da *Favorita* e da *Sapho*.

Taes são os acontecimentos theatraes, unicos acontecimentos de Lisboa durante o mez, — a não serem as questões do jornalismo, as discussões, as diatribes, as injurias pessoaes de campo a campo, successos permanentes da politica na nossa terra.

Os caçadores são os heroes do mez. Não se dá um passo nos arbaldes de Lisboa sem encontrar alguma amostra do caçador lisbonense, de espingarda debaixo do braço e bolsa ás costas; as per-

dizes, os patos bravos, e as galinholas invadem as cosinhas, mas em compensação os campos acham-se povoados.... de caçadores de contracto!

Nas tavernas da capital e das provincias celebrou-se jubilosamente o dia onze d'este mez, que, como sabem, é o do glorioso S. Martinho. Os devotos de Bacho reuniram-se em jantares, em ceias, e em merendas ao descer da noite, festejando em bachanaes mais ou menos sumptuosas esse santo, cuja memoria anda acompanhada de azeitona, vinho, e castanha assada. Em que mereceu S. Martinho tão pouco acreedora gloria, é o que não pôde averiguar-se; a tradição vae-lhe exigindo saudes e protege os borrachos á sombra do nome d'elle. Na noite do dia onze a alegria popular espalhou-se por toda a parte, e não houve tasca em que não se prégasse o famoso sermão de S. Martinho; aqui, um galego eloquente, inchado de vinho e de prazer, berrava á mesa no centro de um grupo de companheiros: — «Ó tu, Noé, que, outr'ora, plantando a vinha, deste por curioso em bebado, reanima tuas frias cinzas, deixa o Olimpo, e vem vêr teus filhos nadando em vinho!» alli, um *piteireiro* bradava encostado a um balcão: — «Ó Bandarra, sapateiro remendão, que com o socorro de nove mil moafas passaste por Propheta....» mais adiante, um vadio, que se emprega em beber, cantava a vinha «planta melhor que a mãe natureza»: outro, que por missão escrupulosa anticipa sempre o nascimento da aurora, emborcando um quartilho, declamava contra os que se sujeitam no inverno a ter frio «desde que o filho de Adão mirando a uva madura, lhe espremeu os bagos, deixou ferver o sumo, e, assim que se lhe bebe uma doze na conta que fôr precisa, o frio com as lagrimas nos olhos pede a paz, capitula e confessa a sua ruina, cedendo o throno ao varão da pinga!»

Toda essa alegria de um dia se extinguiu com elle; na manhã immediata os obreiros voltaram para o trabalho e a gloria de Bacho apagou-se. Pelo mez adiante apenas alguns suicidios quebraram a monotonia d'este pluvioso novembro. Os jornaes tiveram ao menos isso para noticiarem n'algumas poucas linhas, que, tantas vezes, resumem um interessante e mysterioso drama. Que peça ou que romance accordará nos animos mais funda impressão do que estas poucas palavras de uma noticia diversa: Hontem ao cair da noite uma rapariga de vinte annos deitou-se de um terceiro andar da rua de ***?!

Comquanto esta chronica não seja bibliographica, permittam-me que eu não resista ao desejo de registrar duas publicações.

Os editores da Livraria Central publicaram em nova edição o drama *Camões*, acompanhado de novas e valiosissimas notas con-

tendo alvitres de tanta utilidade que o auctor julgou preciso recomendar-as com esta formula de convite urgente «*para se lerem*». A nova edição fórma tres volumes, no ultimo dos quaes o filho mais velho do grande poeta, o nosso querido e talentoso homonymo, dá uma curiosissima noticia biographica da familia por todos os titulos illustre dos Castilhos. Conta-se que Rivarol quando lhe liam algum elogio de um grande mestre como Corneille ou Molière nunca podia dispensar-se de dizer:

— Está bom, mas tem sobejidões!

— Se estivesse no meu caso, far-lhe-hia cortes?

— Decerto. Contentava-me com o dizer: Um chama-se Molière e o outro Corneille!

Quando mesmo este jornal não houvesse publicado já o excellente artigo de Pinheiro Chagas ácerca da obra, eu dir-lhes-hia simplesmente, e seria este o mais modesto e o mais eloquente louvor, que o auctor do estudo historico-poetico *Camões* chama-se Antonio Feliciano de Castilho. Felizes dos que não precisam de outro elogio para que a sua obra falle tão alto como o seu nome!

O sr. José Maria da Ponte e Horta, vogal da commissão portugueza e membro do jury internacional, publicou no meado d'este mez o seu relatório sobre a exposição universal de Londres. Os relatórios no nosso paiz gosam para muita gente das regalias da ave phenix, da qual todos fallam e ninguém viu ainda; isto não nasce tanto do descuido de os fazer, como do desleixo que geralmente ha em os ler, e por isso mesmo annuncio com mais prazer este bello trabalho do sr. José Horta, que decerto vencerá, graças aos créditos litterarios do auctor, o sentimento de reserva que uma porção do publico possa ter pelos estudos d'esta natureza. Ha n'esta obra uma parte technica a que nem todos alcançam, mas decerto cabe na indole d'estas chronicas o saudar no trabalho do sr. Horta a seriedade de investigação e de analyse sobre os melhoramentos manifestados na exposição em relação á mechanica industrial, e os primores de fórma que se observam no correctissimo estylo do seu livro. Occupa-se o auctor em successivos quadros dos progressos scientificos e industriaes mais salientes d'este seculo, da origem das exposições e do character especial da de 1862, do estudo e classificação das machinas de vapor da exposição ingleza em 1862, e da nenhuma impossibilidade organica que ha para o nosso paiz de vir a ser industrial como os outros, se se estabelecerem por toda a parte escolas praticas onde se encontrem os elementos precisos para qualquer profissão activa de trabalho, attendendo ás analogias de posição que Portugal offerece com a Gram Bretanha e ás vantagens mercantis inherentes a um povo colonial, as quaes por uma habil applicação,

exforços pacientes, assiduidade e audacioso espirito, podemos obter, tratando primeiro de sermos industriaes do que do receio de não termos mercado, que no paiz mesmo se encontrará, bem como no Brazil, e nas colonias que possuimos no ultramar.

O relatorio do sr. Horta pela distribuição do plano, pelo estudo de investigação e pelas condições elegantemente litterarias da linguagem, faz honra á elevação da sua intelligencia e á sisudez da sua applicação. «*Il se laisse lire*» dizia Madame de Sévigné, e essa phrase, que lhe é applicavel, deve ser considerada como o supremo elogio de um relatorio!

JULIO CESAR MACHADO.